



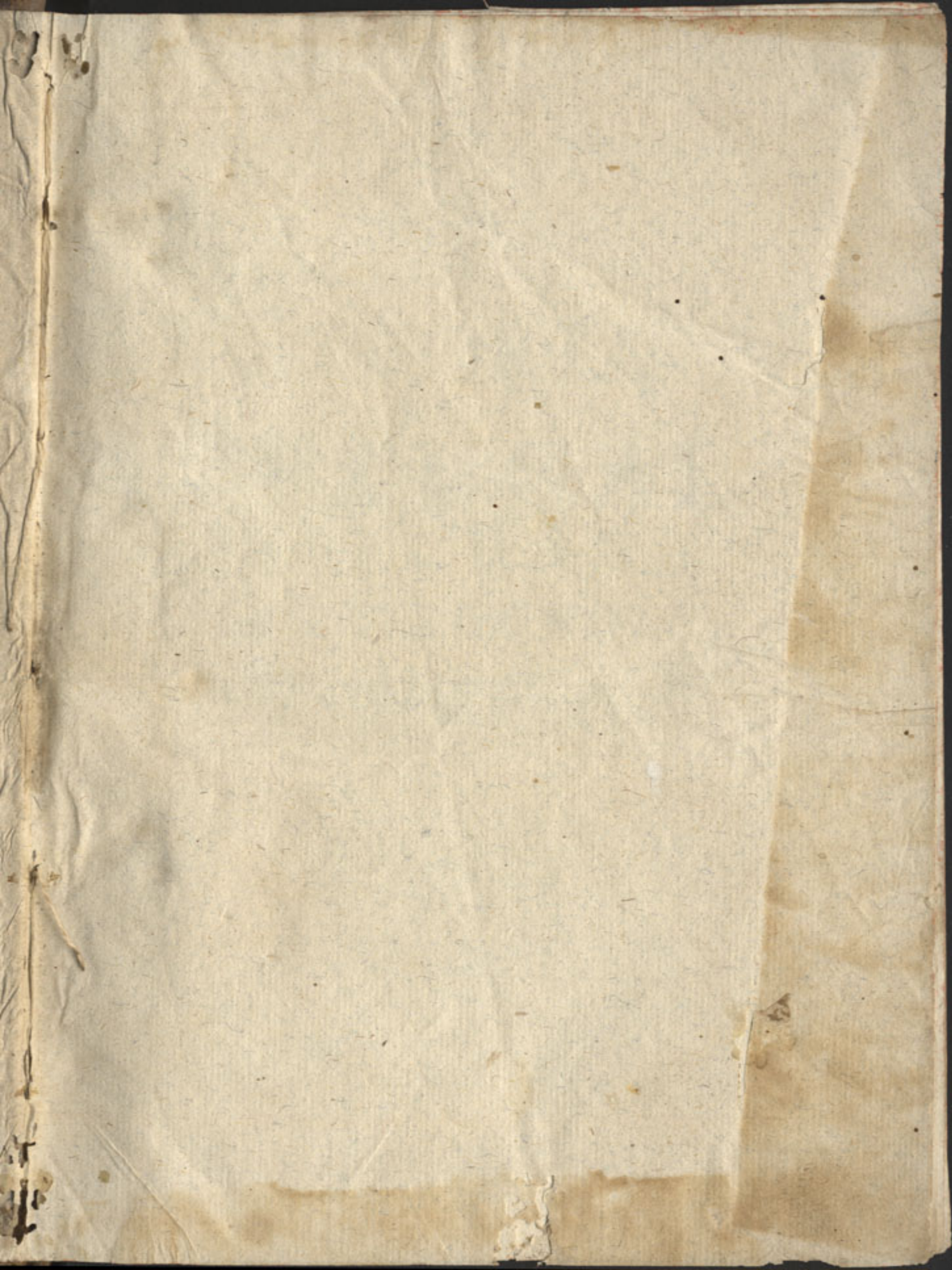


Universidade de Coimbra  
Faculdade de Letras



1317809004











HISTORIA  
DE  
MEXICO  
RESTAURADO,  
SEGUNDA,  
TOMO III







HISTORIA  
DE  
PORTUGAL  
RESTAURADO,  
PARTE SEGUNDA,  
TOMO III.

LISBOA

Officina de JOSEPH FILIPPE

Anno de M.DCC.LXXV

Com a Licença do Ilustre Collegio da Real Universidade de Lisboa



HISTORIA  
DE  
PORTUGALIA  
RESTITUTURADO  
PARTE SEGUNDA  
TOMO III



HISTORIA  
DE  
PORTUGAL  
RESTAURADO,

EM QUE SE DA NOTICIA DAS MAIS GLORIOSAS  
acçoens affim politicas, como militares, que obráão os Portu-  
guezes na restauração de Portugal, desde o anno de  
1657. até ao anno de 1662.

ESCRITA POR  
D. LUIZ DE MENEZES,

CONDE DA ERICEIRA, DO CONSELHO DE  
*Estado de Sua Magestade, seu Vedor da Fazenda,  
e Governador das Armas da Provincia  
de Traz os Montes, &c.*

PARTE SEGUNDA,

*Terceira vez impressa, e emendada.*

TOMO III.



Sala	CF
Est.	6
Tab.	5
N.º	7

LISBOA:

Na Officina de JOSEPH FILIPPE.

Anno de M.DCC LIX. 1759

*Com todas as licenças necessarias.*



HERTORIA

PORTUGAL

RESTAURADO

IN OUBRO DA NOBILIDADE DAS ARTES E LETRAS  
E DO COMMERÇIO DO REINO DE PORTUGAL  
E DAS ALGARS DO MAR OCEANO  
E DO BRASIL E DE OUTRAS PARTES  
DO REINO DE PORTUGAL E DAS ALGARS  
DO MAR OCEANO E DO BRASIL

RESCRITA POR

LEONARDO DE ALMEIDA

CONDE BARON DE COMPTON

Visconde de São Vicente, do Rio de Janeiro  
e de São Paulo, e de outras partes  
do Brasil e de outras partes  
do Reino de Portugal e das Algarves  
do Mar Oceano e do Brasil

PARTE SEGUNDA

Tratado de Jurisprudencia

TOMO II

DEPOSITADO  
EM OUBRO DE  
CULGADO DE  
LIVRO DE  
CARTAS

2015
11
Tab.
10

LISBOA

Na Officina de JOSEPH BILLYE  
anno de MDCCLX  
Com a licença da Real Academia





# LICENCAS.

## DO SANTO OFFICIO.

**P**Ode-se reimprimir o livro, de que se faz menção; e depois voltará conferido para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa, no Paço de Palhavan, 13. de Março de 1759.

*Silva. Trigofo. Silveiro Lobo.*

---

## DO ORDINARIO.

**P**Ode-se reimprimir o livro, de que se trata; e depois de reimpresso, e conferido torne. Lisboa, 3. de Abril de 1759.

*D. Joseph Arceb. de Lacedemonia.*



D O P A C O.

**Q**ue se possa reimprimir, vistas as licen-  
ças do Santo Officio, e Ordinario; e  
depois de impresso tornará á Mesa pa-  
ra se conferir, taxar, e dar licença para que  
corra, e sem isso não correrá. Lisboa, 5. de  
Mayo de 1759.

*Carvalho. Emaús. D. Velho. Siqueira.*

D O R D I N A R I O.



# LICENÇAS.

## DO SANTO OFFICIO.

**E** Stá conforme com o Original. Lisboa : S. Domingos , 14. de Setembro de 1759.

*Fr. Francisco Xavier de Lemos.*

**P**Ode correr. Lisboa no Paço de Palhavan, 18. de Setembro de 1759.

*Silva. Trigofo. Silveiro. Lobo. Mello.*

## DO ORDINARIO.

**P**Ode correr. Lisboa 26. de Setembro de 1759.

*D. J. A. L.*

## DO PACO.

**Q**ue possaõ correr, e taxaõ em quinhentos reis, cada hum Tomo. Lisboa 27. de Setembro de 1759.

*Com duas Rubricas.*

PRO-



# PROTESTAÇÃO.

**O** Author desta obra protesta, que tudo, o que está nella escrito, sujeita á censura da Santa Igreja Catholica Romana, e se confórma com os Decretos dos Summos Pontifices, e em especial com os de Urbano VIII. de 13. de Janeiro de 1625. approvados em 25. de Junho de 1634. e a modificação feita pelo mesmo Pontifice em 5. de Junho de 1631. e que não he a sua tenção que algumas materias, que contém esta Historia, que pareçaõ milagres, ou succéssos sobrenaturaes, tenhaõ mais credito, ou authoridade, que aquella, que merece a noticia, que alcançou destes succéssos, como Historia humana.

*O Conde da Ericeira.*





HISTORIA  
 DE  
 PORTUGAL  
 RESTAURADO.  
 LIVRO I.

SUMMARIO.

**I**NTRODUCC, AM DA HISTORIA.  
 Dá principio a Rainha Regente ao governo do Reyno: resolve o juramento del Rey, propondo-lhe alguns Ministros que o dilatasse: ordena que assista o Infante neste acto com o exercicio de Condestavel: mostra-se a fórma, em que dispoz o governo. Parte a governar as Armas da Provincia de Alentejo o Conde de Soure: dispoem a interpreza de Barcarrota, q se não consegue. Chega a Madrid a nova da morte del Rey. Manda El Rey D. Filippe hum grande Exercito contra Portugal. Com esta noticia passa o Conde de Soure a Lisboa a tratar das prevençoens do Exercito de Alentejo: crescem os embarços, e a

A

emu-



21 PORTUGAL RESTAURADO,

*emulação: tira-lhe a Rainha o posto, e elege em seu lugar ao Conde de S. Lourenço. Parte para Alentejo, dispoem o governo do Exercito. Sae em campanha o Duque de S. German, sitia Olivença governada por Manoel de Saldanha. Intenta o Conde de S. Lourenço soccorrer esta Praça, aloja no quartel da Amoreira, e retira-se sem effeito. Continua-se o sitio: procura duas vezes ganhar Affonso Furtado o Forte de S. Christovão, e não o consegue. Passa o Exercito a Badajoz, dá hum assalto áquella Praça com máo successo. Vai Affonso Furtado interprender Valença, volta para o Exercito sem conseguir o intento. Entrega-se Olivença, sitia o Duque de S. German Mourão, e rende-se. Nomea a Rainha a Joannes Mendes de Vasconcelos Tenente del Rey. Retira-se o Conde de S. Lourenço do Exercito por ordem da Rainha.*

Anno.  
1657.

**O** SEGUNDO volume da Historia de Portugal Restaurado entramos a escrever com grande confiança; porque assentaõ as opinioens de todos aquelles, que enganados do Mundo se não sabem desviar dos seus desconcertos, que na variedade consiste a sua formosura, fundando-se em que os desejos dos mortaes se não contentaõ do que vem, nem se satisfazem do que lograõ; porque só appetecem o que imaginaõ, e só anhelaõ ao que se difficulta: e com esta inconstante ambiçaõ ornaõ o Mundo de triunfos indignos, sujeitando-se á sua escravidãõ os mesmos, que experimentaõ a sua inconstancia. E como sendo no Mundo tudo taõ vário, só esta opiniaõ nelle he firme, não será possivel desagradar-lhes o singular assumpto, que seguimos, por serem tantos, e taõ diversos os successos Militares, e Politicos, que determinamos referir, que plenamente se satisfaçaõ todos aquelles, que por natureza appetecem a variedade.

Introduccãõ  
da Historia.

Ver-



Anno  
1657.

Verse-ha hum Reyno, (a que coube em forte pequena porção de terra, para que os seus Naturaes a dilatasse com maior gloria) orsaõ de hum Rey, desamparado de hum Pay, que lhe segurava a defenfa, e que lhe defendia a liberdade, entregue ao governo de huma Rainha ornada de esclarecidas virtudes, e só infelice no objecto, para quem solicitava a felicidade; sendo este seu proprio filho depois author da sua ruina, tirando-lhe com estrondo o governo do Reyno, que ella procurava entregar lhe pacifico.

Verse-ha hum Rey, por enfermo do corpo, e animo, destituído de virtudes, cegamente afeiçãoado a homens insolentes, e facinorosos; entregue á direcção absoluta de hum valido, que superando inconvenientes, que pareciaõ invenciveis, concorreo felicemente para a defenfa do Reyno, e confundindo-se accidentes politicos, experimentou differente fortuna.

Verse ha huma guerra furiosa, e sanguinolenta, em que com poucas adversidades, superados difficeis encontros, tomadas grandes Praças, vencidas sinco batalhas, sahimos na guerra victoriosos, na paz triunfantes. Ultimamente se verá huma Corte confusa, e desordenada, onde se exercitavaõ animos taõ perversos, que se contaõ nella mais mortes indignas, e violentas, que na guerra esclarecidas, e gloriosas, e tantos, e taõ extraordinarios insultos, que o Reyno afflicto, conhecendo a ultima ruina, animado de hum só espirito, e respirando diversos alentos huma so voz, foi deposto El-Rey por incapaz do governo, e successaõ, e escolhido hum esclarecido Principe, creado de alta Providencia para desempenhar cabalmente superiores vaticinios.

Grande, e difficultosa materia emprendemos! Extraordinarios, e perigosos casos nos expomos a referir! Porém na consideração infallivel de haverem de ser julgados no juizo dos homens, naõ só deste seculo, mas dos futuros, todos os obstaculos saõ inferiores á obrigação de se manifestar a todas as idades, que os varoens Portuguezes nunca faltáraõ á fidelidade dos seus Principes por respeitos particulares, por maiores que fossem os excéssos



#### 4 PORTUGAL RESTAURADO

Anno  
1657.

da tyrannia, e quando chegáraõ a lhes negar a obediencia, foi só por conservação da sua Patria. É supposto que os verdadeiros documentos da nossa justificação se não possaõ explicar sem offensa do decóro, que se deve á Magestade, pediremos com estudo particular frases á modestia, para sairmos sem censura de tão consideravel empenho; sendo só alivio deste vehemente cuidado a infallibilidade de que não poderá haver neste, nem no futuro tempo, quem sem temeraria ousadia possa duvidar da verdade dos successos, que referimos; por se não poder deixar de conhecer que fora indisculpavel erro do entendimento entregar a opinião na falsidade á justa censura de testemunhas vivas, havendo procurado tão diligentemente augmentalla no exercicio dos maiores lugares da Republica Militares, e Politicos. Sem receio, nem esperança escreveremos a verdade sólida; porque a grandeza delRey, e a Filosofia da propria independencia nos tem desobrigado de lisonjear a fortuna.

A morte delRey D. João o IV. de saudosa memoria; como occasionou nos amantes coraçoes de seus vassallos tão implacavel, e justo sentimento, não se achava algum que não depuzesse todos os interesses particulares, por attender só ao remedio da infelicidade, e perigo publico; porque se considerava com profunda mágoa successor da Coroa de Portugal ao Principe D. Affonso na idade de treze annos, com tão poucas esperanças de que os preceitos da arte, ou as diligencias da industria pudessem sujeitar os desconcertos da natureza, que quasi por infructuosa se deixava de usar com elle da lição, e doutrina; ( muitas vezes remedio tão milagroso, que faz domesticos, e trataveis aos brutos mais irracionaes, e ferozes ) porque a enfermidade, que o Principe ( já novo Rey ) havia padecido em idade mais tenra, lhe tinha deixado tão offendido o lado direito, que claramente se conhecia que o entendimento padecia a mesma lesaõ. Por outra parte se considerava a Monarquia de Castella com a restituição de Barcelona, socegada Catalunha, com as revoluções de França na regencia da Rainha D. Anna de Austria superiores ás armas das fronteiras de Italia, e  
Flan;



Flandres, e com a paz celebrada em Munster entre aquella Coroa, e os Estados de Hollanda, seguros destes excessivos dispendios os thesouros, que costumão produzir as minas da nova Hespanha. Estas grandes fortunas fazia maiores na consideração dos Castelhanos verem o Reyno de Portugal sem o prudente governo del Rey D. João, exposto a perigosas dissensões domesticas; ordinariamente consequencias infelices da mudança do governo dos Reynos.

Todas estas considerações difficultosas de remedear combatião os animos dos Portuguezes zelosos da conservação da Patria, que com tanto risco da vida, dispendio do sangue, e fazendas havião libertado do dominio de Castella. Porém buscando entre o desalento os caminhos do desafogo, livrãrão as esperanças da conservação do Reyno na certeza do espirito varonil, e subido entendimento, que lograva a Rainha Regente, que havia de ser assistida do valor invencivel de seus vassallos, e da experiencia adquirida em dezaseis annos, que durou o governo del Rey defunto; e juntamente nos manifestos signaes, que por instantes se descobrião em o aspecto do Infante D. Pedro, segundo irmão del Rey D. Affonso, que se achava na idade de nove annos, de que a natureza assistida da Divina Providencia o havia criado para desempenho da fabrica imperfeita, que em El-Rey tinha produzido. Porém estes alivios, ainda que erão grandes, na contingencia dos successos futuros ( que não se estimão, senão depois que se conseguem ) não podião ser seguros; porque a Rainha, ainda que era dotada de todas as virtudes, na consideração de ser mulher não se podia suppor de espirito tão vigoroso, como era necessario para resistir á grande guerra, que se esperava; e o Infante se excedia a El-Rey na capacidade, El-Rey lhe preferia em o nascimento: e estando o perigo tão distante do remedio, justamente se temia o governo del Rey no tempo, em que infallivelmente se esperava huma guerra formidavel com a Monarquia de Castella.

A Rainha Dona Luiza, a quem erão manifestas todas estas considerações, tanto que o sentimento da morte

Anno  
1657

Dá principio a Rainha Regente ao governo do Reyno.



## 6 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1657.

Resolve o juramento del-Rey, propondo-lhe alguns Ministros que o dilatasse.

Ordena que assista o Infante neste acto com o exercicio de Condestavel.

te del-Rey lhe deu lugar a tratar do governo do Reyno, em que a introduzia a ultima vontade del-Rey seu marido declarada no seu testamento, começou a armar o Paço de defensas politicas contra a ambição dos que fundavão a sua fortuna na mudança do governo, e as fronteiras de tropas contra os delignios, e invasoens dos Castelhanos, e para huma, e outra guerra, na consideração de serem muito poderosas, empenhou promptamente todo o seu poder, e toda a sua industria. Foi a primeira disposição, que executou, ordenar o juramento del-Rey. Celebrou-se a quinze de Novembro no Terreiro do Paço em hum theatro, que se fabricou junto da ultima varanda da sala dos Tudescos. Antes deste acto houve duvida entre D. Nuno Alvares Pereira, Duque do Cadaval, e D. Francisco de Fâro, Conde de Odemira, sobre a qual dos dous tocava exercitar com o estoque desembainhado o officio de Condestavel, querendo hum, e outro preferir no parentesco da Casa Real. A Rainha que procurava, como o mal mais perigoso, atalhar contendas entre pessoas tão principaes, decidiu a differença, ordenando que o Infante D. Pedro acompanhado de Ruy de Moura Telles, do Conselho de Estado, e Estribeiro Mór da Rainha, exercitasse a occupação de Condestavel. Assistio o Infante neste acto com muita galhardia, e desembaraço. Celebrou-se com luzidas galas; passado elle, se continuou o lucto, e sentimento, a que obrigavão a razão manifesta, e as saudades del-Rey D. João.

Antes do juramento del-Rey D. Affonso houve alguns Ministros, que propuzerão com grande zelo, e cautela á Rainha que o dilatasse até se averiguar se era remediavel a sua incapacidade, sendo a materia a mais grave da Monarquia: que em se dilatar se não podia temer notavel prejuizo; e em se quebrar, depois de celebrado este acto, poderia haver grandes difficuldades. A Rainha, ainda que reconhecia a verdade destes discursos, considerava que dar principio ao seu governo com huma deliberação tão arrojada em tempo tão perigoso seria expor se a maior guerra civil, da que receava externa; porque a incapacidade del-Rey não podia ser na idade



de treze annos a todos manifesta ; e aquelles que a duvidassem , ou por zelo publico , ou por interesses particulares , havião de ser parciaes da notoria razão de quererem jurar por seu Rey ao Principe , a que determinavão obedecer , ficando na Rainha suspeitozo o desejo de estender os annos de dominar. Estas prudentes razoens obrigarão a Rainha a resolver que El-Rey fosse jurado , e a lhe nomear Ayo , que lhe assistisse : e por evitar controversias , declarou que El-Rey D. João antes da sua morte lhe havia communicado que fizera eleição para este tão grande lugar da pessoa de D. Francisco de Faro , Conde de Odemira , por achar que concorrião nelle generosidade , valor , e entendimento , não descompondo estas partes o executar todas as suas acçoens com tanta celeridade , que muitas vezes padecião a censura dos discursivos. Nomeado nesta occupação , se lhe deu no Paço o quarto , que havia sido do Principe D. Theodosio , e ficou o Prior de Sodofeita continuando o exercicio de Mestre del Rey , e do Infante. Os mais officios da Casa Real exercitárão as mesmas pessoas , que os occupavão na vida del-Rey , até que novas politicas destruirão toda a antiga direcção.

Havendo a Rainha sahido, a seu parecer, deste cuidado , entrou em outros , que não erão inferiores , e conhecendo que nos maiores Ministros ( que devião ser instrumentos das resoluçoens ) não havia aquella conformidade , sempre desejada dos Principes justos , e nunca conseguida ( por ser tão vário o influxo das estrellas , que dominão nos coraçoes dos homens , que no perpetuo movimento de confuso combate de idéas vivem , em quanto durão em tão intricado labyrintho , que nunca tem por seguras as differentes estradas , que encontrão , ficando só exceptuados aquelles , a quem o auxilio Divino constitue desprezadores de todos os interesses humanos ) prevenio com grande industria todos os accidentes , que podiaõ embaraçar as suas disposiçoens.

A contenda mais publica , e que a Rainha mais receava , era a que havia entre o Conde de Odemira , e D. Antonio Luiz de Menezes , Conde de Cantanhede : am-

Mostra-se a  
fórma em  
que dispoz  
o governo.



## 8 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1657.

bos são de quasi sessenta annos de idade, ambos Con-  
 selheiros de Estado, o primeiro Presidente do Conselho  
 Ultramarino, o segundo Veador da Fazenda. As fami-  
 lias são muito esclarecidas; porque o Conde de Odemi-  
 ra descendia do primeiro Duque de Bragança D. Affon-  
 so: o Conde de Cantanhede do Conde D. Gonfalo de  
 Menezes, Irmão da Rainha Dona Leonor, e contava de  
 varonia vinte e sete illustrissimos avós. O sequito de pa-  
 rentes, e amigos do Conde de Cantanhede era maior; mas  
 o Conde de Odemira sabia adquirir muitos animos com  
 o poder, e com a liberalidade: o Conde de Cantanhede  
 era mais firme nas resoluçoens; o Conde de Odemira  
 mais prompto em tomallas: a destreza politica ambos a  
 professavão igualmente, e os negocios publicos cada  
 hum os conhecia de seu nascimento: ambos tinham espiri-  
 to militar; porém com huma differença, que o Conde  
 de Odemira jactava-se da guerra passada, o Conde de  
 Cantanhede aspirava á gloria futura; e por conclusão,  
 não se achava animo tão attento ás suas conveniencias,  
 que em hum, e outro pudesse descobrir differença no  
 dominio. Fomentava a industria da Rainha esta perple-  
 xidade nos discursos dos Cortezãos; porque conhe-  
 cendo com grande prudencia, que havia mister a todos  
 seus vassallos, deliberou que não convinha á conserva-  
 ção do Reyno conceder a hum só o poder. Mas nesta  
 politica (ainda que era acertada) tambem descobria mui-  
 tos perigos; porque como os negocios são grandes, e  
 os animos encontrados, muitas vezes aquelles, que hu-  
 ma parcialidade estabelecia, desbaratava a outra, offen-  
 dendo-se por este respeito o interesse publico, que era  
 hum só. Igual differença na desigualdade de animos cor-  
 ria em os dous Secretarios de Estado, e Mercês, Pedro  
 Vieira da Sylva, e Gaspar de Faria Severim; são am-  
 bos de idade madura, hum, e outro merecedores das  
 occupaçoens, que exercitavão havia muitos annos, e  
 igualmente alcançarão o favor del-Rey defunto: ambos  
 são de nobre nascimento, Pedro Vieira sciente na pro-  
 fissaõ das Leys, Gaspar de Faria em os negocios da Fa-  
 zenda, e com o manejo das materias politicas se habilitá-  
 raõ



Anno  
1657.

ção ao exercicio dellas. Nenhum dos dous descobria affecto particular a alguma das parcialidades dos Condes de Cantanhede, e Odemira, e fazião estudo de mostrar á Rainha, que só aos interesses publicos se inclinavão.

Estes erão os quatro elementos, de que se sustentava o corpo politico da Monarquia; e a Rainha Sol desta Esféra, igualando as influencias com os accidentes, não se achava algum tão poderoso, que as benignas o pudessem segurar de não padecer as rigorosas. Logo que El-Rey falleceo, parecendo á Rainha, que para dar expediente aos gravissimos negocios que occorriaõ, era conveniente outra fórma de despacho, instituiu huma Junta, que se chamou nocturna, pelas horas a que se convocava: fazião-se as conferencias na Secretaria de Estado, e se executava promptamente o que se vencia por mais votos, dando-se só conta á Rainha das materias de maior importancia, ou das em que havia duvida, as quaes o Secretario de Estado hia fazer presentes á Rainha, para que as resolvesse: foraõ os Ministros nomeados para este Tribunal os Condes de Odemira, e Cantanhede, o Marquez de Niza- Pero Fernandes Monteiro, e depois o Conde de S. Lourenço; por morte do Conde de Mira nomeou a Rainha o Duque do Cadaval, e o Conde de Soure, e ultimamente a Joaõ Nunes da Cunha, concorrendo em todos estes Ministros todas as circumstancias dignas deste emprego; e durou esta util fórma de despacho em quanto a Rainha teve o governo. Depois deste Tribunal estabelecido, mandou a Rainha escrever aos Governadores das Armas das Provincias, recommendando lhes o socego, e segurança dellas; e deu ordem que os Officiaes de guerra, que estavaõ ausentes de seus Póstos, se recolhessem a exercitallos. Fez avizos ás Conquistas, e aos Ministros, que assistiaõ nas Cortes da Europa, procurando por todos os caminhos atalhar novidades, que podiaõ facilmente succeder em tão perigoso accidente. Com estas resoluçoens deu a Rainha principio ao seu governo; e nós continuaremos este segundo volume com a mesma disposiçaõ, que levou o primeiro, preferindo pela ordem dos annos a guerra



Anno  
1657.

guerra de Alentejo ás das outras Provincias, referindo as materias politicas, onde tiverem lugar, e a guerra das Conquistas no fim de cada hum dos annos; porém a paz celebrada com os Hollandezes, e o pouco poder maritimo dos Castelhanos darão pequeno assumpto á curiosidade dos Leitores na guerra das Conquistas.

Nas ultimas horas da vida delRey D. Joaõ ( como referimos no fim da primeira parte desta Historia ) ajustando as disposiçoens ao tempo, em que se achava, e querendo com ellas segurar os perigos futuros, chamou a D. Joaõ da Costa, Conde de Soure, e ordenoulhe que sem dilação alguma partisse á Provincia de Alentejo a continuar o governo della, havendo-selhe passado Patente de Governador das Armas algum tempo antes. Houve taõ poucas horas desta ordem delRey á sua morte, que quando o Conde partio para Alentejo ( não se havendo dilatado ) já ElRey era fallecido. De Aldea Gallega despachou hum correyo a Francisco de Mello, General da Artilharia, que governava as Armas naquella Provincia, dando-lhe conta da morte delRey, e da sua jornada. Tanto que chegou a Francisco de Mello este avizo, despedio a Companhia de D. Luiz de Menezes, ( de que o Conde havia feito eleição para Capitaõ da sua guarda com grande opposição dos Capitaens mais antigos a respeito das preeminencias deste Posto, que até aquelle tempo se não haviaõ exercitado ) e deulhe ordem que marchasse a Arrayolos a comboiar o Conde. Marchou D. Luiz com diligencia; entrou em Arrayolos ao mesmo tempo que o Conde chegava. Ao dia seguinte partiraõ para Estremôs, e no terceiro chegáraõ a Elvas. Esperavaõ os Soldados ao Conde de Soure com tanto alvoroço, que, a ser menor a perda da morte delRey, lhes pareceria que não havia mayor fortuna, que a eleição do Conde, tendo por infalliveis nas suas disposiçoens os progressos da guerra, que com implacavel ancia appeteciãõ; porque como a guerra he officio dos Soldados, achaõ que perdem os seus interesses o tempo, que a não exercitaõ. Chegou o Conde a Elvas, e examinou o estado das fortificaçoens das Praças, o numero da Infantaria,

Parte o Conde de Soure a governar as Armas da Provincia de Alentejo.



Anno  
1657.

teria, e Cavallaria do Exercito, e o poder dos Castelhanos; noticias, que com toda a distincção lhe deu Francisco de Mello, havendo-se congraçado com elle de algumas queixas, que o Conde tinha da sua amizade; materia, em que era summamente sensitivo; porque ao passo que depunha pelas cômodidades de seus amigos as suas conveniencias com tanta efficacia, que não houve quem lhe excedesse nesta virtude, queria justamente que a correspondencia fosse igual. Informado de todas as materias, depois de celebrar as Exequias del Rey D. Joaõ com grande solemnidade, e de acclamar com grande pompa ao novo Rey D. Affonso VI., determinou mostrar aos Castelhanos que a falta de hum Rey, que tanto amavamos, ainda que fosse taõ sensível, havia influido nos Portuguezes novos espiritos militares, que os faziaõ mais capazes de se defenderem, do que elles podião estar de os conquistarem; e com esta consideração convocou a Cavallaria daquella Provincia, que constava de dous mil e quinhentos cavallos, e unindolhe tres mil Infantes, e seis peças de artilharia com as muniçoens, e mantimentos necessarios marchou a interprender Villa-Nova de Barcarrota, lugar que dista quatro legoas de Olivença.

Dispoem a  
interpreza de  
Barcarrota,  
que se não  
consegue.

Havia chegado a Elvas André de Albuquerque a exercitar o seu Posto de General da Cavallaria; e depois de ajustada huma duvida, q̃ teve com o Conde de Soure sobre as preeminencias da Companhia de sua guarda ( que atalhou com grande prudencia Joaõ da Silva e Souza, Commissario geral da Cavallaria; porque levando os recados, que hum a outro se mandáraõ, vendo que se hiaõ exasperando, dissimulou os primeiros, detendo-se em casa de André de Albuquerque, aonde concorreraõ os Officiaes da Cavallaria, e os da Infanteria á do Conde de Soure, e continuando os recados Bernardino de Siqueira, Tenente de Mestre de Campo general, com muita attenção, moderando as circustancias, de que os dous Cabos podião escandalizar-se; evitou o damno que podia seguir-se ) marchou com a Cavallaria, que na confiança do seu valor lugrára a felicidade de todos os luccésos,



Anno  
1657.

fos. Passou o Conde de Soure com este corpo de exercito o rio Guadiana por cima de Geromenha, descansou huma noite em Olivença, e na manhã seguinte continuou a marcha. Havia o tempo favorecido na apparencia esta jornada; porque, succedendo a muitos dias de chuva alguns de Sol, e tendo os Ingenheiros Diogo de Aguiar, e Nicolao de Langres reconhecido por ordem do Conde as estradas, e havendo-lhe segurado erradamente antes de sahir de Elvas, que todos os cáminhos estavam capazes de marchar por elles artelharia, pode ella ser conduzida só o tempo, que durou a estrada de Alconchel, que, por mais frequentada, estava batida. Porém tanto que foi preciso caminhar pela campanha, se começou a reconhecer nos muitos pantanos, que encontrão, a grande difficuldade da marcha. Entendeo o Conde com tanto sentimento este forçoso embaraço, que não houve excessão, a que perdoasse pelo vencer. Dobrarão-se nos lugares mais baixos, e mais pantanosos os tiros das mulas ás peças da artelharia; ajudavão os Soldados Infantes, e artelheiros com os hombros ao impulso das mulas. Porém, vencido hum passo difficultoso, se dava logo em outros; e ultimamente chegou a artelharia a hum valle tão difficil de superar, que não só se conheceo o desengano de que não podia passar adiante, mas ficou em duvida se poderia voltar para Olivença.

O Conde de Soure experimentando que todas as diligencias erão infructuosas, fez alto naquelle sitio, e mandou a André de Albuquerque com seiscentos cavallos reconhecer Barcarrota, levando consigo os Ingenheiros para examinarem se seria facil render o Castello sem artelharia, com poucas horas de combate. Marchou o General da Cavallaria, e os mais batalhoens, que ficarão, aquartelou o Conde assistido do General da Artelharia em fórma muito militar. Amanheceo; voltou o General da Cavallaria com brevidade, por estar Barcarrota pouco distante, deixando-a reconhecida; e informando ao Conde de Soure da difficuldade, que considerava em se render o Castello sem as prevençoens necessa-



rias. Chamou elle a conselho aos dous Generaes, aos Mestres de Campo, e Tenentes Generaes da Cavallaria, com resoluçãõ que, se houvesse hum só voto de se seguir a empreza, continualla a todo o risco. Juntos os Cabos, e Officiaes referidos, propoz que a causa de fazer aquella jornada fora parecerlhe conveniente que ao mesmo tempo chegasse a Madrid a nova da morte delRey, e a perda de Barcarrota, para que os Castelhanos conhecessem que, se a Portugal faltava ElRey D. Joaõ, ficáraõ em Portugal vassallos, nunca em outro tempo mais dispostos á sua defenfa: que, antes de convocar aquella gente, havia mandado aos dous Ingenheiros Nicoláo de Langres, e Diogo de Aguiar a reconhecer todos aquelles sitios, os quaes fiando-se de Soldados praticos naquella campanha mais em guiar hum troço de Cavallaria, que em avaliar o pezo da artilharia, sem a averiguaçãõ necessaria lhe seguráraõ que as terras estavaõ capazes de marchar por ellas a artilharia: e que, havendo nesta confiança abraçado aquella empreza, se achava com a difficuldade de não poder conduzir a artilharia: e que, ouyida a noticia, que o General da Cavallaria havia trazido de Barcarrota, ponderando o empenho, em que estavam, e o embaraço que se lhe offerencia, votassem o que entendessem convinha mais ao serviço delRey, e ao credito das suas Armas. Depois de varias conferencias, concordárãõ todos os votos que era preciso retirarem-se; porque nem o Castello de Barcarrota se podia render facilmente sem artilharia, nem era possivel deixalla naquelle lugar sem manifesto risco; porque qualquer poder, que os Castelhanos juntassem, seria superior ao corpo da Infantaria, e Cavallaria, que a ficasse defendendo; e que neste sentido empenhar o maior preço pelo menor valor seria indisculpavel temeridade. Cedeo o grande ardor do Conde de Soure a esta acertada opinião, e com muito trabalho retirou a artilharia a Olivença. Passou a Elvas, e despedio os Terços, e Cavallaria para os seus quarteis. O Duque de S. German com a noticia do movimento das nossas tropas juntou a Cavallaria, e com avizo de que se haviaõ retirado a dividio.

Anno  
1657.

Os



Anno  
1657.

Chega a Madrid a nova da morte del-Rey.

Manda El-Rey D. Filipe prevenir hum grande Exercito cõtra Portugal.

Os dias, em que acontecerão os successos referidos, forão os que bastarão para chegar á Corte de Madrid a nova da morte del-Rey D. João. Recebêrão-a os Castelhanos com imprudente contentamento, tendo sempre mal fundadas as esperanças, que se edificão em damno alheio. Tratou logo El-Rey D. Philippe de dar o maior calor, que foi possível, ás prevençoens do Exercito, que determinou que sahisse em campanha a seguinte Primavera. Deo ordem que de Catalunha ( pouco offendida naquelle tempo dos Exercitos Francezes ) marchassem para as fronteiras de Alentejo dous mil cavallos. Despedio dous Commissarios a levantar Infantaria, do trigo, que ordenou se tomasse violentamente aos pazanos daquelles lugares, mandou fazer celeiros publicos nas fronteiras. Aceitou a offerta dos Grandes, que se obrigãrão a conduzir a Badajoz grande numero de Cavallaria, para se reencherem as Companhias de cavallos; e fez espalhar que partia na Primavera seguinte a recuperar Portugal pelos mesmos passos de seu Avô D. Philippe II. Fomentava este generoso intento D. Luiz de Haro, que na valia, grandeza, titulos, e lugares havia succedido ao Conde Duque, e com menos talento, e melhor tenção governava absolutamente aquella Monarquia.

Chegarão estas noticias ao Conde de Soure por várias intelligencias, e sem dilação as remetteo á Rainha com uteis advertencias da fórma, em que se devia dispor a defenſa do Reyno. Dizia que era necessario tratar-se logo da prevençãõ da Armada, e de embarçaõens de fogo para a defenſa do Rio, e promptamente da fortificaçãõ de Lisboa; e para se conseguir ficar em defenſa em pouco tempo, convinha que El-Rey, a Rainha, Infante, e pessoas poderosas, repartidos os baluartes, os tomassem por sua conta, acrescentando se a consignaçãõ até quarenta mil cruzados, e obrigando-se ao povo a que em os dias desoccupados trabalhasse na fortificaçãõ, e os officiaes de pedreiros, e covoqueiros se não occupassem em alguma outra obra, salvo naquellas, que necessitassem de reparo preciso: que este emprego se devia encomendar ao Conde de Cathanhede pela grande actividade,



de, e zelo, de que era composto: que a Nobreza assistida de seus criados se devia aggregar ao Capitão dos ginetes, para que montassem nas occasiões, e assistissem á guarda delRey; que os Auxiliares, e Ordenanças tivessem exercicio, e armas, e o Trem se prevenisse, e com o maior cuidado se acodisse á Provincia de Alentejo, porque era a que ameaçava o maior perigo: que necessitava de grossas levas de Infantaria, e de grandes remontas de Cavallaria; e a mesma prevençãõ se devia observar em todas as Provincias, com ordem que tivessem soccorros promptos para acodir a Alentejo; e da mesma sorte era necessario tratar-se de mantimentos, muniçoens, carruagens, e dinheiro; e que, não havendo falta nestas disposiçoens, não poderia ficar justo receio das invasoens dos Castelhanos, principalmente naquelle anno, em que a guerra de Inglaterra tinha occupado as forças maritimas de Castella.

A carta do Conde de Soure, que continha estas, e outras prudentissimas razoens, mandou a Rainha consultar no Conselho de Guerra; e avaliando os Conselheiros por precisas todas as proposiçoens da carta do Conde, fizeram huma larga consulta á Rainha, pedindo-lhe não dilataste dar á execuçãõ prevençoens tão necessarias, pois dependia da promptidãõ a saude publica. A Rainha com grande actividade distribuio varias ordens para levas, e remontas, e mandou ás Provincias dinheiro para as fortificaçoens. Na de Lisboa se começou a trabalhar; porém mais lentamente, por se entender que ficava o perigo mais remoto. Tambem pareceo escusado o dispendio de Armada naquelle anno, constando por muitos avizos, e manifestos indicios, que todas as prevençoens dos Castelhanos ameaçavãõ a Provincia de Alentejo. O Conde de Soure tendo por infallivel este discurso pediu licença á Rainha para passar a Lisboa, entendendo que com a sua assistencia seria mais prompta a execuçãõ das ordens, e as disposiçoens á medida do perigo de qualquer das Praças do Alentejo, que os Castelhanos atacassem; por não serem estes os negocios, que os homens prudentes pôdem fiar da direcçãõ

Anno  
1657.



Anno

1657.

Cõ esta noticia passa o Conde de Soure a Lisboa a tratar das prevenções de Alentejo.

Crescem os embarços; e emulação, tira-lhe a Rainha o posto; elege em seu lugar ao Conde de S. Lourenço,

ção alheia. Alcançou licença da Rainha, deixou a Provincia entregue a André de Albuquerque, e partio de Elvas para Lisboa nos ultimos dias de Janeiro. Chegou á Corte, e foi recebido da Rainha, e Ministros com tantas demonstraçoens de satisfação da sua grande capacidade, e excellente procedimento, que alleguravão effeitos proporcionados a esta confiança. Porém a poucos passos, que caminhou para adiantar as prevençoens do exercito, entendendo justamente que em qualquer hora de dilação se perdião muitas esperanças da defenfa do Reyno, conheceo que havia entrado em hum mar taõ tempestuoso, e tão cheio de perigosos baixos, que nem toda a doutrina de destro Piloto, aprendida na escola da larga experiencia, bastava para o livrar do manifesto risco, a que estava exposto; porque no corpo enfermo da Republica havia partes corrompidas, que o dilaceravão. Applicava-lhe o Conde a medicina da paciencia, e o remedio da actividade com tanta attenção, que, saindo-lhe a cada proposta muitas duvidas, as vencia com os documentos da razão, e pelos caminhos da honra. A estas grandes difficuldades accreceo hum novo accidente, que acabou de agravar a enfermidade. Depois da pendencia succedida em Elvas, de que démos noticia na primeira parte desta Historia, entre o Conde de Soure, e o Conde Camereiro mór, não tinha o tempo gastado a antipatia, que o successo da pendencia havia deixado; e sendo no Conde Camereiro mór muito manifestas as demonstraçoens de pouca sociedade com o Conde de Soure, lhe foi preciso procurar hum decreto del-Rey, que alcançou sete annos antes deste tempo, para que o Conde Camereiro mór não pudesse votar em negocio algum, que tocasse ao Conde de Soure. Sentia o Conde Camereiro mór este embaraço no Conselho de Estado, e Guerra; porém tolerava-o, porque não encontrava o caminho de lhe dar remedio. Descobrio-o naquella occasião, por achar da parte do seu sentimento ao Bispo eleito do Japão André Fernandes, a quem a Rainha deferia com particular attenção. Havia o Bispo mostrado em varias occasioens pouca affeição ao Conde de Soure



Anno  
1657.

Soure, principalmente na duvida, que teve sobre a mudança de Elvas para Evora do Terço de Diogo Gomes de Figueiredo. Nesta confiança na certeza de achar outros Ministros da sua parte, e na supposição de ser justa a sua proposta, representou o Camereiro mór á Rainha, que, havendo Sua Magestade entregue ao Conde de Soure o governo das Armas do exercito de Alentejo em tempo, que as armas de Castella se prevenião para conquistalla, e sendo elle Conselheiro de Estado, e Guerra, seria muito contra o seu credito continuar-se a resolução, que em virtude do decreto de Sua Magestade se observava, de que elle não pudesse votar em os negocios, que tocassem ao Conde de Soure; porque o decreto se devia entender em materias particulares, e não em negocios publicos, que a elle, como a hum dos vassallos de Sua Magestade mais interessados na conservação da sua Coroa, e como Conselheiro de Estado, e Guerra, tão particularmente lhe tocavão: e que neste sentido poderia ficar suspeitosa a sua fidelidade, se elle fosse excluido de aconselhar a Sua Magestade na opposição, que devia fazer aos exercitos de Castella. A Rainha parecendo-lhe arrezoadada esta proposição, e instada dos Ministros, que a favorecião, mandou dizer ao Conde de Soure pelo Secretario Pedro Vieira que, vendo as razoes do Conde Camereiro mór, havia entrado em escrupulo na observancia do decreto, que elle tinha alcançado, para que o Camereiro mór não pudesse votar no que lhe tocasse; e que por este respeito esperava se accõmodasse sem repugnancia a que nas materias de guerra não tivesse vigor a concessão do decreto. O Conde de Soure (a quem a larga experiencia dos negocios politicos havia feito scientissimo nos segredos delles) conheceo claramente o fim a que tirava esta novidade, que era exasperallo, para se dar por offendido; porém antepondo o credito á conveniencia, como sempre costumara, respondeo á Rainha, que Sua Magestade não devia querer que elle dissimulasse o mesmo, que com muito profundas consideraçoes procurara, ainda antes de ter em repetidas occasioens descoberto as poucas attençoens, que devia



Anno  
1657.

ao Camereiro mór contra o que lhe merecia; pois não professava com elle aquella amizade, que muitos annos continuára, e que não devia separar huma pendencia accidental: que neste sentido para nenhum outro caso lhe servia o decreto tanto, como para aquelle, de que o Camereiro mór queria eximir-se; porque se não achava com algum interesse particular, que não fosse muito inferior á parte que lhe tocava da conveniencia publica; e que nesta consideração só para este fim pertendera o decreto: que as razoens do Camereiro mór erão muito alheias da sua tenção; porque lhe não vinha ao pensamento que o Camereiro mór, em quem concorrião tantas qualidades, pudesse faltar por algum respeito humano aos meios da defenfa do Reyno, em que era tão empenhado. Porém o justo perigo, que podia ter na sua desaffeição, era haver de ser o Camereiro mór Juiz das suas acçoens particulares; pois, havendo de ter como General de hum exercito voto decisivo nas materias Militares, na contingencia de serem os successos prosperos, ou adversos, não parecia razão que fosse julgado por quem fazia profissão de ser seu inimigo. Não bastou esta resposta do Conde de Soure, para suspender a resolução, que a Rainha tomou, de que o decreto se visse no Conselho de Estado. Forão os votos differentes; e sendo maior o numero dos que votárão pelo Conde de Soure, resolveo a Rainha, que o decreto se mudasse tanto a favor da pertença do Camereiro mór, que ficou com o que se passou de novo quasi derogado o primeiro. Dissimulou o Conde de Soure este pezar, parecendo lhe que poderia cevar-se nelle a emulação de seus inimigos; porém experimentou que os animos desaffeioados não se contentão com pequenos empregos. Continuava com muita actividade a execução das proposiçoens, que havia feito á Rainha para a prevenção do exercito, temendo que a dilacão de se deliberarem podia ser o maior beneficio dos intentos dos Castelhanos. Andando nesta diligencia, recolhendo-se huma noite pelas nove horas do Paço em huma carroça, sem mais prevençã, que a de hum criado ( em hum estribo ) que lhe servia de arri-  
mo,



Anno  
1657.

mo, quando se apeava, embaraçando-lhe continuamente o achaque da gota movimento dos pés, chegando em o Bairro alto ao largo da Cordoaria, se arrimárao ao espaldar da carroça dons homens a cavallo, e disparando nelle dous bacamartes, voltarao as redeas, e se livrarao do perigo, que os ameaçava. Ao mesmo tempo, que disparárao os bacamartes, se inclinou o Conde de Soure a dar ao criado, que trazia consigo no estribo, humas moedas de ouro para soccorro de hum Soldado pobre, que andava na Corte. Este piedoso movimento lhe livrou a vida; porque pelo vaõ, que desoccupou, passárao mais de vinte balas, que fazendo em pedaços vidraças, e balaústres, pela cadeira de diante com diferentes baterias sahiraõ da carroça, sem fazer outro damno. Saltou o Conde della. divertindo-lhe o impulso as dores dos pés; e seguido de todos os que o acompanhavaõ correo pelos passos dos que fugiaõ; porém, reconhecendo que era inutil a diligencia, se tornou a recolher á carroça. A's vozes dos criados, e ao estrondo dos tiros concorreo muita gente da Nobreza, e Povo com tantas demonstraçoens de sentimento do exorbitante atrevimento dos assassinos, que parecia que cada hum de per si, e todos juntos queraõ ser authores da vingança. Recolheu se o Conde a sua casa, onde concorreo toda a Corte; e chegando a noticia daquelle succêso á Rainha, mandou chamar D. Rodrigo de Menezes, Regedor das Justiças, e com justas demonstraçoens de pena, e apertadas ordens lhe encõmendou fizesse todas as diligencias possiveis por descobrir os aggressores daquelle delicto. Tiráraõ-se devaças, puzeraõ-se Editaes com largas ofertas para os que descobrissem os delinquentes, e perdaõ de todos os crimes, excepto os de lesa Magestade; porém nunca se averiguou a origem deste delicto. O dia seguinte ao que atiráraõ ao Conde de Soure, foi elle ao Paço a sollicitar as prevençoens do exercito como costumava. Concorreraõ a acompanhallo todos os Officiaes de guerra, que andavaõ na Corte, e muitos Fidalgos seus parentes, e amigos. Chamou-o a Rainha, e com termos formados na grande discriçaõ, de que era dotada, per-

B 2

suadio



Anno  
1657.

suadio a que mitigasse o enfado, a que devia obrigarlo aquelle successo. Respondeo-lhe com a gravidade, e modestia, que com as mais virtudes professava, vencendo o animo valeroso, e colerico de se ver offendido, sem mais desafogo, que dissimulação. Gastavão-se os dias, sem se adiantarem os negocios; porque a industria dos inimigos do Conde (como dissemos) era exasperallo, para que elle largasse o Posto, de que desejavão divertillo. Faltava no exercito de Alentejo Mestre de Campo General; e ainda que o Conde se achava justamente queixoso de André de Albuquerque, por não experimentar na sua amizade igual correspondencia como esperava, pediu á Rainha o adiantasse a esta occupação; porque o seu valor, e grandes virtudes o fazião merecedor dos maiores empregos. Passou-se-lhe Patente; e ficando vago o Posto de General da Cavallaria, o pertenceo Francisco de Mello General da Artelharia com justa razão de lhe tocar sem controversia, por ser o degráo a que estava immediato a subir. Porém, supposto que concorriaõ em Francisco de Mello valor, e sciencia Militar, que se requerião para qualquer emprego, faltava-lhe experiencia no exercicio da Cavallaria, e padecia achaques, que lhe difficultavão o trabalho continuo de andar a cavallo. Estas razoens obrigavão ao Conde de Soure a desejar que elle tivesse outro emprego; era difficil de conseguir este intento, por Francisco de Mello não querer ceder o direito, que tinha ao Posto de General da Cavallaria a alguma outra occupação, dizendo que em tempo, que se esperava guerra tão perigosa, os Postos mais arriscados erão os mais convenientes. Depois de varias propostas veyo Francisco de Mello a aceitar a commissão de Embaixador de Inglaterra, o lugar de Conselheiro de Guerra, e a conveniencia de huma Cómenda. Com esta resolução solicitou o Conde de Soure introduzir no Posto de General da Cavallaria a D. Francisco de Azevedo, e em General da Artelharia a Antonio de Mello de Castro, ambos dotados de grande valor, de muito entendimento, e fidelidade. D. Francisco havia occupado o Posto de Tenente General da Cavallaria de Alentejo, e na mesma

Proz



Anno  
1657.

Provincia tinha Antonio de Mello exercitado o Posto de Mestre de Campo. Oppuzerão-se os adversarios do Conde de Soure a esta proposição, sem mais causa, que haver sido sua; porque na capacidade dos dous sujeitos não se descobria falta, para occuparem estes Postos. Durando esta controvérsia, repetio ao Conde o achaque da gota, e aggravarão lhe seus inimigos mais as dores, tendo noticia que persuadião á Rainha, que o accidente era supposto, para desculpar a dilação de partir para Alentejo. Com este discurso mandou a Rainha dizer ao Conde de Soure pelo Secretario Pedro Vieira, que era tempo de partir para Alentejo; porque a Primavera entrava, e as preyençoens dos Castelhanos crescião. Respondeo o Conde, que ainda que o accidente, que o molestava, pudera desculpar a dilação da sua partida, não era esta a razão porque se dilatava, e só o era não se determinarem as proposições, que havia feito, em ordem á defenſa da Provincia de Alentejo; tendo concebido justo receio, que se na sua presença se não deliberavão materias tão importantes, como se resolverião na sua ausencia; e que sendo ellas de qualidade, que ficava dependente da sua decisão a conservação do Reyno, que sem se determinarem, não queria elle ser quem o entregasse a Castella. Levou Pedro Vieira esta resposta á Rainha, e voltou o Conde de Odemira com segunda instancia, e disse ao Conde de Soure, que a Rainha lhe ordenava partisse sem replica dentro de oito dias. Respondeo lhe o Conde, que se admirava muito daquella proposição, devendo-lhe tanta amizade, e tendo o discurso tão claro, que não podia ignorar, que partir elle para Alentejo sem cabos, sem dinheiro, e sem as mais prevençoens, de que dependia a defenſa daquella Provincia, era em manifesto perigo da saude publica, e em conhecido risco da reputação particular: e como esta proposição era sem controvérsia, e elle se não dilatava por interesses proprios, que não determinava partir, sem levar ajustadas as prevençoens necessarias para a defenſa do Reyno. Levou o Conde de Odemira esta resposta á Rainha, e voltou Pedro Vieira a ratificar-se nella: não havendo o Conde de



Anno  
1657.

Soure mudado de opinião, lhe disse Pedro Vieira, que já que a sua falta de saúde o impossibilitava, que sujeito lhe parecia que occupasse o seu lugar. O Conde de Soure, ainda que era colerico, e conheceo o fim, a que caminhavão aquellas disposições, respondeo com muito socego, que elle não padecia achaques, que o impossibilitassem a partir a defender o Reyno; porém que também conhecia, que Sua Magestade tinha muitos vassallos, que lhe excedião no merecimento. Voltou o Secretario de Estado com esta resposta, e ao dia seguinte sahio o Conde de S. Lourenço terceira vez nomeado Governador das Armas da Provincia de Alentejo; passando a Rainha para esta eleição, pelo embaraço de estar o Conde de S. Lourenço prezo pela infelice morte do Conde de Vimioso; porque ainda que El-Rey D. João havia antes de espirar, ajustado as amizades entre todos os offensores, e offendidos, ( como já referimos ) a Condesa de Vimioso, que era a parte mais lastimosamente prejudicada, não tinha perdoado aos delinquentes, nem cedido ás persuasões de D. Francisco Souto Maior, Bispo de Targa, e cleito de Lamego, que da parte da Rainha lhe havia representado ser aquella eleição precisa ao bem publico, sempre independente das razões particulares; porém ainda que forão grandes os clamores da Condesa, todos se desfizerão em eccos; como ordinariamente succede, quando são mal ouvidas as vozes dos afflictos. Sentio o Conde de Soure o aggravo de se ver deposto da sua occupação, sem mais causa, que desejar exercitalla com o acerto, que convinha á segurança, e defesa do Reyno, com o excessso, que pedia tão penetrante golpe, e da parte da sua razão achou universalmente os pareceres communs; porém não se livrou da objecção de fiar mais do seu conhecido merecimento, e do muito que se necessitava da sua pessoa, do que pedia a grande opposição, que achava em contrarios tão poderosos, que dependia das suas resoluções a definição das suas queixas; mas esta victoria, que elles a seu parecer alcançarão do Conde de Soure, foi só contra os interesses publicos, como os successos da proxima Campanha justificarão.

O Con-



Anno  
1657.

O Conde de S. Lourenço tanto que recbeo aviso do Secretario de Estado da eleição, que a Rainha fizera da sua pessoa, sahio do Castello, onde estava prezo, a beijar-lhe a mão, e sem mais exordios, que mudar a linguagem, de que havia usado o Conde de Soure, disse à Rainha, que elle em agradecimento da merce, que Sua Magestade lhe tinha feito, não queria mais prevençoens para defender a Provincia de Alentejo, que partir logo a exercitar o seu posto. Estimou a Rainha esta resolução; porque muitas vezes os Principes opprimidos do pezo de muitos cuidados, entendem que o Ministro, que melhor os serve, he aquelle, que menos os cansa. Porém esta apparencia suave he hum perigoso engano, principalmente em os empenhos militares, onde assim como as disposiçoens antecedentes os assegurão, a negligencia dellas os desbarata. Nomeou a Rainha ( approvando esta eleição o Conde de S. Lourenço ) a Manoel de Mello Mestre de Campo, e Governador da Praça de Moura, Governador da Cavallaria de Alentejo; e a Affonso Furtado de Mendonça Mestre de Campo, e Governador de Campo Mayor, Capitão General da Artilharia, ambos de muito merecimento.

Estava nesta occasião a fortuna da parte do Conde de S. Lourenço, que conseguiu por intervenção do Conde de Can. ereiro mór, que aceitassem dous Terços na Provincia de Alentejo Luiz Alvares de Tavora, Conde de S. João, e D. João Mascarenhas, Conde da Torre, depondo a paixão da morte do Conde de Vimioso pela gloria, a que justamente aspiravão na guerra. Formou-se ao Conde de S. João hum Terço novo, dividindo-se em dous o de Agostinho de Andrade, accrescentando se a ambos as Companhias, que erão precisas, para ficarem com igual numero ás que tinhão os mais Terços. O Conde da Torre succedeo a Affonso Furtado em o governo da Praça de Campo-Mayor: Olivença, que pelo sitio em que estava, e pelo embaraço, e prejuizo, que fazia aos Castelhanos, se suppunha a Praça mais perigosa, se achava neste tempo sem Governador. Era o Mestre de Campo, que assistia naquella guarnição, Manoel de Saldanha



Anno  
1657.Parte para  
Alentejo o  
Conde de S.  
Lourenço.

danha, e estava despachado para passar ao Estado da India em companhia do Conde de Villa-Pouca; persuadido da amizade do Conde de S. Lourenço, trocou com infelice discurto o despacho da India pelo governo de Olivença, e ignorante da sua desgraça, veio a ser artifice da sua ruina. No principio de Abril partio o Conde de S. Lourenço para Alentejo com os Cabos, e Officiaes referidos, fiando as disposições, que faltavão por ajustar, do zello dos Conselheiros de Guerra. Em quanto na Corte succederão as mudanças referidas, trabalhava o Mestre de Campo General André de Albuquerque por adiantar as fortificações das Praças, exercitar os Soldados, e fazer trabalhar no trem da artilharia, e em tudo o mais, que julgava conveniente para defenſa daquella Provincia; porque se multiplicavão por instantes as noticias das prevenções dos Castelhanos, fazendo adiantalas a voz, que lançarão, de que El Rey D. Philippe determinava assistir na futura Campanha. O Duque de S. German ( que tinha passado a Madrid a ajustar o exercito ) chegou a Badajoz os ultimos dias de Janeiro, e applicou se com grande actividade a prevenillo. Teve André de Albuquerque repetidos avisos das preparações dos Castelhanos, e promptamente os remetteo á Rainha, que ao mesmo tempo recebeu iguaes noticias de todas as Provincias, pedindo-lhe os Governadores dellas Soldados, cavallos, e dinheiro, para se defenderem do grande poder dos Castelhanos. O socorro do governo antecedente na vida del Rey fazia mais sensível este aperto; porém a Rainha com espirito verdadeiramente varonil acudio ás disposições, que pedião mais prompto remedio, ponderando prudentemente, que a Provincia de Alentejo era a que necessitava de maiores socorros, por ser o exercito que a ameaçava o mais poderoso; e a de Entre Douro, e Minho pelas consequencias, que se devião temer de qualquer perda, que nella houvesse: e que nas mais se não podia recear perigo consideravel, por se não estenderem as prevenções dos Castelhanos ao empenho de tão larga conquista.

Chegou



Anno  
1657.

Chegou a Elvas o Conde de S. Lourenço, e foi recebido com grande alegria dos povos de Alentejo, de quem era estimado, pelo muito que no governo antecedente havia attendido ás suas commodidades, fazendo observar tão religiosamente as suas leys, que levantavão os arrendamentos com clausula, de que seria só no tempo de seu governo. Esperou-o André de Albuquerque com todas as demonstraçoens de amigavel correspondencia, depondo a pouca sociedade, que tinha com o Conde, por haver seguido inseparavelmente a amizade de Joanne Mendes de Vasconcellos. Deo-lhe noticia de todos os avisos, que tinha recebido das preparaçoens dos Castelhanos, e que por instantes se repetião, de que em Badajoz crescião de forte os soccorros, que poucos dias poderia dilatar-se sahir o exercito em campanha: que as disposiçoens da defenza daquella Provincia não correspondião ao perigo, que a ameaçava; porque as Praças, que podião ser atacadas, erão muitas, a guarnição de todas pouca, e as mais dellas estavão sem Governadores, nenhuma acabada de fortificar, e todas faltas de mantimentos, e muniçoens: os soccorros das Provincias não tinhaõ chegado, as levas, remontas, e carruagens, para sahir o exercito em campanha, eraõ inferiores ao muito, que se necessitava dellas, e que todas estas materias pedião promptissimo remedio; porque o Duque de S. German andava tão vigilante em a nossa ruina, que não perdoara ao intento de sobornar a incorrupta fidelidade do Mestre de Campo D. Manoel Henriques, que governava Campo-Mayor, mandando para este fim hum Religioso com outro pretexto áquella Praça: e que D. Manoel no mesmo instante, que recebera esta abominavel proposição, prendera o Religioso em sua casa, e passara a Elvas a dar-lhe conta, e com generosa resolução não quizera admitir a proposta, que elle lhe fizera, de que devia mostrar se deixava persuadir das offertaes do Duque de S. German para castigar a sua ousadia, quando viesse lograr a interpreza, dizendo D. Manoel, que os Portuguezes da sua qualidade não costumavão ser, nem com os inimigos instrumento do engano; resolução que elle lhe louvara,

como



Anno.

1657.

Dispoem o  
Conde o go-  
verno do  
exercito.

Sahe em cã-  
panha o Du-  
que de S.  
German.

Sitia Oliven-  
ça governa-  
da por Mano-  
el de Salda-  
nha-

como merecia ; e que dando conta á Rainha , havia man-  
dado agradecer a D. Manoel a sua grande lealdade. In-  
formado o Conde de S. Lourenço destas noticias, as re-  
metteo á Rainha , e a mesma diligencia continuou nos  
dias successivos pelos avisos repetidos, que lhe chegavaõ,  
de que os Castelhanos sahiraõ em campanha, e era Oli-  
vença a Praça destinada para o primeiro sitio. A repeti-  
ção dos Correios obrigou á Rainha a não dilatar as or-  
dens convenientes para acudir a tão perigoso movimen-  
to. Mandou promptamente marchar para Alentejo ao  
Conde de Miranda , Mestre de Campo do Terço da Arma-  
da, e ao do Senado da Camera, de que era Mestre de Cam-  
po Ruy Lourenço de Tavora , e os Terços de Auxilia-  
res de Estremadura dedicados a este soccorro , na fórma,  
que no primeiro volume fica declarado. Ordenou junta-  
mente aos Governadores das Armas das Provincias re-  
mettessem a Alentejo todos os soccorros , que fosse pos-  
sivel, sem offensa da propria conservação. Applicarão se  
as levas, e concedeo-se ao Conde de S. Lourenço, que  
pudesse prover as Companhias de cavallos, e Infantaria,  
que estivessem vagas, e que aos sujeitos, que elegeisse,  
se passariaõ patentes , como era estylo. Partirão tam-  
bem para o exercito muitos titulos, e Fidalgos da Corte,  
sendo em todas as occasioens os primeiros , que expu-  
nhão as virtudes, e fazendas pela defenfa do Reyno. Não  
erão acabados de chegar estes soccorros a Alentejo ,  
quando o Duque de S. German sahio em Campanha. A  
doze de Abril poz o exercito em marcha para Olivença  
com pouco mais de seis mil Infantes , e dous mil , e  
quinhentos cavallos. Era Governador das Armas D. Fran-  
cisco Tutavila, Duque de S. German; Mestre de Campo  
General D. Diogo Cavalhero; General da Cavallaria D.  
Pedro Giron Duque de Osluna , General da Artelharia  
D. Gaspar de la Cueva, Irmão do Duque de Albuquerque,  
os mais Officiaes do exercito erão muito valerosos, e ex-  
perimentados. Tomou o Duque de S. German a resolução  
de dar principio ao sitio de Olivença com tão pequeno ex-  
ercito, assim por lhe constar, que o nosso não estava forma-  
do, como por evitar entrarem-lhe mais comboys; pois na  
pre-



Anno  
1657.

presunção de haver de ser sitiada, se lhe repetião de sorte, que a noite antecedente entrou D. João da Silva com hum muito consideravel naquella Praça, tomando com bem succedido discurso resolução contraria á que lhe mandou persuadir Manoel de Saldanha, porque lhe fez aviso, que os Castelhanos haviaõ reconhecido com a Cavallaria Olivença na tarde, em que D. João chegou a Geromenha: que lhe parecia fizesse alto naquelle sitio, que ao dia seguinte, descuberta a campanha, poderia marchar com o comboy sem difficuldade. Porém D. João conhecendo o grande prejuizo de se perder tempo em semelhantes casos, marchou de noite com grande diligencia, e descarregado o comboy em Olivença, voltou para Geromenha ao amanhecer, a tempo que já appareciaõ as primeiras tropas do exercito. Estava prevenido Manoel de Saldanha para a defenſa daquella Praça com mais valor, que ciencia militar; e taõ manifesta era esta falta, que antes que os Castelhanos chegassem a Olivença, mandou perguntar a Andrè de Albuquerque, que se acaso os Castelhanos o sitiassem, devia lançar Infantaria da Praça para defenſa da estrada cuberta, como se na subsistencia das obras exteriores, ainda mais apartadas das Praças, que as estradas cubertas, não consistira a sua segurança, principalmente depois que os instrumentos da expugnação excederaõ tanto os da defenſa. Constava a guarnição de Olivença de quatro mil Infantes, bastantes muniçoens, e mantimentos para muitos mezes: a Praça está situada na campanha razea, por hum lado pouco distante da serra de Olor; pelo opposto, que olha a Badajoz, lhe ficaõ vizinhos os montes do Poceirão, e Castello-Velho, em que ha duas Atalaias; mas nenhuma destas eminencias era padraſto da Praça: o corpo da sua fortificação estava em defenſa, a estrada cuberta não era acabada, o fosso tinha pouca altura, e da mesma sorte estava imperfeita huma obra Cornua, que se communicava com a estrada cuberta, situada na parte que olha o Guadiana no oiteiro da Forca, defronte da porta do Calvaio. Os Engenheiros, que ficáraõ na Praça, foraõ Diogo de Aguiar, e João



Anno

1657.

e Joaõ Gilot; e achando-se nella o Tenente General da Cavallaria Achim de Tamaricurt com quatro centos cavallos, sahio sem damno, havendo a Cavallaria inimiga chegado á vista da Praça, e deixou dentro ao Capitão Estevaõ Augusto de Castilho com cem cavallos.

Intenta o Cõ-  
de de S. Lou-  
renço soccor-  
rer esta Praça.

Tanto que o Conde de S. Lourenço teve noticia, que os Castelhanos estavaõ sobre Olivença, mandou a Lisboa pela posta ao General da Artilharia Affonso Furtado, para que com a sua presença se applicassem os soccorros. No mesmo instante que chegou, teve audiencia da Rainha, que depois de o ouvir, lhe ordenou fosse ao Concelho de Guerra, aonde para este fim mandára juntar os Conselheiros de Estado. Foy Affonso Furtado executar esta ordem: entrou no Conselho, e propoz da parte do Conde de S. Lourenço, que o seguro caminho de soccorrer Olivença era o da serra de Olor; porque a pouca experiencia daquelle tempo havia facilitado, aos que se tinhaõ por mais praticos, a opiniaõ desta empreza. No Conselho de Guerra tinhão em repetidas consultas representado á Rainha, que com expressas ordens, e inviolaveis preceitos devia prohibir ao Conde de S. Lourenço exporse á contingencia de huma batalha, discursando prudentemente não poder o Reyno remediar com facilidade os danos de huma rota; porém deixando-se persuadir das razoens de Affonso Furtado, votárão todos, que a Rainha ordenasse ao Conde de S. Lourenço, que propondo esta opiniaõ no Conselho de Guerra do exercito, seguisse o que vencessem os mais votos; advertindo porém, que havia de fortificar primeiro hum quartel da parte dalém de Guadiana debaixo da artilharia de Geromenha; e que acabado o quartel, poderia intentar o soccorro pela serra de Olor, escusando o risco da batalha. ( Preceito difficil de executar; porque sahido o exercito do quartel, dar, ou não dar a batalha, ficava na eleiçaõ dos inimigos. ) Conformou-se a Rainha com a consulta, e conseguiu o General da Artilharia as mais proposiçoens, que tinha levado, e com pouca demora voltou para Alentejo. Foy recebido do Conde de S. Lourenço com grande contentamento, introduzindolhe nova

cou-



Anno  
1657.

confiança ver approvada a sua opiniaõ, e mandarlhe a Rainha prometter que o havia de soccorrer com todo o poder do Reyno. Chamou a conselho, e sahio resolutto que, sem se aguardarem os soccorros, que faltavaõ, passasse o exercito a Guadiana; sendo huma das razoes haver tomado a mesma resoluçaõ El Rey D. Joaõ o I. quando marchou a pelejar com os Castelhanos em Algibarrota; sem se reparar na differença dos casos, e na diversidade dos tempos. Tomada esta mal acutelada deliberaçaõ, sahio o exercito de Elvas Sabbado vinte e oito de Abril com os Cabos, que havemos referido, dez mil Infantes, dous mil cavallos, quatorze peças de artilharia, muniçoens, bastimentos, e carruagens proporcionadas ao corpo deste exercito. Os soccorros não tinhaõ chegado das Provincias; porque os Governadores das Armas dellas, attendendo mais ao perigo proprio, que ao que julgavaõ, não obedeceraõ ás ordens da Rainha com a promptidaõ, que pedia taõ importante empreza. O dia antecedente ao em q̃ o exercito sahio em campanha deo o Conde de S. Lourenço conta á Rainha da sua determinaçaõ; e baixando a carta ao Conselho de Guerra, como nelle se havia sempre entendido que nas diversoens consistia o mais seguro soccorro de Olivença, vendo-se a carta do Conde, e outra, que pelo mesmo correio escreveo ao Secretario de Estado, representou o Conselho á Rainha que devia, sob pena de caso maior, ordenar ao Conde de S. Lourenço se não expuzesse ao perigo de huma batalha; porque assim das duas cartas referidas, como das antecedentes, constava que o unico intento, que levava de soccorrer Olivença, era rompendo as linhas dos Castelhanos, que a sitiavaõ com exercito muito superior ao nosso, pelos grandes soccorros, que lhe haviãõ entrado todos os dias antecedentes; e que neste sentido, e na contingencia de qualquer successo adverso era preciso formarem-se assim em Lisboa, como em todas as Provincias, varios tróços de exercitos, para se evitar com esta prevençaõ a ultima ruina. Accommodou-se a Rainha com esta bem fundada opiniaõ: fez

passar



Anno.  
1657.

passar promptamente todas as ordens convenientes, e escreveo ao Conde de S. Lourenço, advertindo-o muito por extenso de todas as considerações, que ficão apontadas.

No mesmo Sabbado, em que o Conde sahio de Elvas, poz o exercito em marcha com a Infanteria dividida em vinte esquadroens, e em vinte e oito batalhoens a Cavallaria: seguia se a artilharia á linha da vanguarda, e á linha da rectaguarda a carruagem. Eraõ Mestres de Campo dos Terços da Provincia o Conde de S. João, o Conde da Torre, o Barão de Alvito, que succedeo no governo a Manoel de Mello, Simão Correa da Sylva, Pedro de Mello, D. Manoel Henriques, Agostinho de Andrade Freire, João Leite de Oliveira, Diogo Sanches del-Poço: de Lisboa o Conde de Miranda, Ruy Lourenço de Tavora, e dos mais Terços de Auxiliares, que governavão pela maior parte os Sargentos maiores. Elegeo o Conde por Capitão da sua guarda a D. Luiz de Menezes, não querendo alterar a nomeação do Conde de Soure; e com favor especial, cedendo á instancia de D. Luiz, lhe permittio poder marchar sempre, sem se obrigar á sua assistencia, no lado direito da linha da vanguarda da Cavallaria, que era o lugar, que pelo seu Posto lhe tocava; e nomeou para o acompanhar em quanto durasse a campanha ao Capitão de Cavallos reformado Sebastião da Costa, formando-lhe huma Companhia de dous cavallos, que mandou tirar de cada huma das Companhias. Marchou o exercito toda a noite; e ao Domingo antes de amanhecer se adiantou o Governador da Cavallaria Manoel de Mello com dous mil cavallos, e mil mosqueteiros a facilitar junto a Gero menha a passagem do Guadiana com as aguas do Inverno antecedente, e duvidosa na contingencia da opposição, que se suppunha podia fazer o exercito de Castella; porém, passando o porto quando rompia a manhã, Vasco Martins Segurado, Tenente de D. Luiz de Menezes, com cem cavallos tirados de varias Companhias; e não achando embaraço algum, passou Manoel de Mello o Guadiana com toda a Cavallaria, e seguiu-se todo o exercito



Anno  
1657.

exercito por huma ponte de barcas, que se formou sobre o rio. Pudera o Duque de S. German arrepende-se do descuido de se não oppor ao nosso exercito na passagem do Cuadiana, se a nossa desordem não produzira a inconstancia, que padecemos em todas as resoluçoens, que tomámos; porque bastara a persistencia de qualquer dellas, para se loccorrer Olivença; porque, ainda que a artilharia de Geromenha favorecia muito o intento da passagem do rio, como os Castelhanos erão superiores no corpo da Cavallaria, muitos sitios puderão occupar, com que sem perigo nos impedissem facilmente ganhar posto da outra parte. Tanto que passou o exercito, occupou o sitio, que o Mestre de Campo General lhe destinou para se alojar. Ficou o quartel debaixo da artilharia de Geromenha com a frente em Olivença, a rectaguarda em Guadiana. Occuparão-se os Soldados em levantar trincheiras; e fortificado o quartel, chegou noticia de que os sitiados não haviam recebido grande oppressão nos quinze dias de sitio; porque os Castelhanos se occuparão em cerrar a circumvallação antes de dar principio aos aproches; e como a Infanteria, ainda que se tinha augmentado, não passava de doze mil Infantes, e o cordão era dilatado, não podião ao mesmo tempo trabalhar em huma, e outra operação: os quarteis foraõ tres, governados o da Corte pelo Duque de S. German, o segundo pelo Mestre de Campo General, o terceiro pelo Duque de Osluna. Levantaraõ-se as primeiras platafórmãs distantes das muralhas, e das baterias jogavaõ quatro canhoens, sete meios canhoens, e seis colubrinãs, e dous morteiros: a circumferencia do quartel guarnecião dez peças de campanha. Manoel de Saldanha tinha mandado fazer algumas sortidas com pouco effeito, e a artilharia da Praça laborava inutilmente; porque os Castelhanos, como estavaõ ainda muito distantes, não recebiaõ o menor prejuizo. O nosso exercito havia crecido ao numro de doze mil Infantes, e dous mil, e duzentos cavallos, melhores Soldados na apparencia, que na realidade; porque, ainda que erão dotados do grande valor, de que se compoem toda a Nação Portuguesa,



Anno  
1657.

gueza, e a disposição dos corpos, e luzimento prometia a maior felicidade, os Cabos, Officiaes, e Soldados não tinham aquella grande experiencia, que só se adquire pelejando-se muitas vezes, e no tempo futuro conhecemos o que neste ignoravamos. O Conde de S. Lourenço chamou a conselho, e sem querer aguardar os socorros das Provincias, que não haviam chegado, nem admittir diversoens, que era o que mais convinha, resolveo buscar os Castelhanos nos seus alojamentos, aquartelando o exercito no sitio da Atalaya de Castello-Velho, que distava dos quarteis pouco mais de tiro de mofquete, logrando-se a segurança dos comboys pela vizinhança de Geromenha, e o embaraço dos que alimentavaõ o exercito de Castella, por ficarmos alojados na estrada de Badajoz, donde elles vinhaõ; conseguindo juntamente ficar exposto ás nossas baterias o exercito inimigo, e o nosso, por muito superior de sitio, livre das suas, e não poder a Praça ter perigo nos assaltos; porque o numero dos Soldados dos Castelhanos não era tão grande, que pudesse atacar a hum tempo a Praça, e defender-se no mesmo das nossas operaçoens; porém novos accidentes desbarataraõ todos estes bem fundados discursos, e sem nova causa se desvaneceu o intento de se introduzir pela serra de Olor o socorro de Olivença.

Sexta feira quatro de Mayo se poz em marcha o exercito, deixando a ponte de barcas, que estava lançada sobre Guadiana, segura com dous reductos fabricados na entrada, e sahida della com guarnição competente. Não marchou o exercito mais que huma legoa, por sair tarde do alojamento, e ser difficil de compor na primeira marcha. O dia seguinte ao amanhecer marchou em batalha, levando todo o corpo da Cavallaria no lado direito da Infanteria, por assegurar o esquerdo a Ribeira de Olivença, que continúa de Guadiana, onde delagua, até o Alentejo, que intentavamos occupar, lançando-se por estas ventagens as carruagens a esta parte, e a artilharia se dividio pelos claros da primeira linha da Infanteria. Marchou o exercito com o vagar, e composição conveniente; e os Castelhanos, tanto que tiveraõ este

aviso



Anno  
1657.

aviso pelas partidas, que estavam sobre elle, se formaraõ em batalha dentro das linhas, deixando-nos apraxes a gente, que bastava para os guarnecer. Deste movimento se originou, por descuido de algum Soldado, atear-se o fogo nas barracas, em que os mais se abrigavaõ da inclemencia do tempo. Deu vista do incendio huma partida nossa, e sem mais exame, que o desejo deste successo veyo o Cabo pedir alviçaras ao Conde de S. Lourenço, de que os Castelhanos se retiravão para Badajoz, havendo largado as linhas, e posto fogo aos quarteis. Occasionou esta noticia grande alvoroço na maior parte do exercito, e promptamente mandou o Conde de S. Lourenço ao Tenente General da Cavallaria Tamaricurt com quinhentos cavallos a averiguar a verdade deste aviso. Marchou elle, e como professava igualmente com o valor a sinceridade, chegando á vista dos quarteis dos Castelhanos, aonde continuava o incendio, e vendo-os sem gente; porque o exercito estava formado em sitio, que elle o não descobria, deu por infallivel a sua retirada, e levemente fez aviso ao Conde de S. Lourenço, pedindo-lhe o soccorresse com mais batalhoens, porque os Castelhanos que fugiaõ, era verosimel perderem a artilharia, que levassem na retaguarda. Esta segunda affirmacão accrescentou no exercito de sorte a credulidade, que houve quem despachou correyo á Corte com esta nova; e os que duvidarão da certeza della, forão contados por inimigos da gloria do Conde de S. Lourenço. Durou pouco espaço este contentamento; porque ao passo que o exercito continuou a marcha, se multiplicarão os avisos da persistencia dos Castelhanos; e vendo elles que marchavamos com a frente na Atalaya de Castello Velho, occuparão com todo o exercito a do Poceirão, que lhe ficava vizinha, temendo, que ganhando nós aquelle posto, não pudessem livrar-se das baterias da nossa artilharia, por ficar muito superior a todos os quarteis, que olhavão para aquella parte. Porém não defenderão a Atalaya de Castello-Velho, rendendo-se á sua vista hum Alferes, que a guarnecia com vinte e cinco mosqueteiros, aos Sargentos Mayores Manoel Ferreira

C

Rebel-



Anno  
1657.

Rebello, que o era de Auxiliares, e Francisco Velho de Avelar, que para este effeito se adiantarão do exercito com duzentas bocas de fogo, com os Capitaens Ambrosio Pereira, Alvaro de Melquita, Manoel da Cunha, e Manoel Arnau. No Poceirão persistirão os Castelhanos formados, até que a nossa marcha lhes advertio, que lhes convinha largar aquelle sitio; porque logo que se rendeo a Atalaya de Castello-Velho, se adiantou o Mestre de Campo General André de Albuquerque a huma eminencia, a que se seguião as hortas da Amoreira, pouco distantes das linhas dos Castelhanos; e persuadido das commodidades de agua, e lenha que havia naquelle sitio, sem reparar nas baterias dos inimigos, a que ficavamos expostos, resolveo, que o exercito se aquartelasse neste lugar; e para este effeito mandou hum trombete ao Cabo de trinta Soldados, que guarnecião hum reducto fabricado em hum pequeno monte, que dominava as hortas da Amoreira, com ordem que se rendesse, senão queria experimentar o castigo dos que em fortificaçoens daquella qualidade pertendião fazer aos exercitos inutil resistencia. Persuadio-se o Cabo, entregou o Fortim sem mais instancia, e o Mestre de Campo General com beneplacito do Conde de S. Lourenço mandou marchar o exercito para aquelle alojamento, em que tinha resolutto aquartelalo. Achava-se o exercito com a mesma fórma, em que havia sahido do quartel de Guadiana, e com a frente no Poceirão, onde os Castelhanos estavam formados, e ficava-lhe no lado direito o quartel da Amoreira, que determinava occupar; e como a ordem do Mestre de Campo General não teve distincção alguma, aballou a buscar o quartel da Amoreira, que lhe ficava no lado direito com a mesma frente, que tinha para o Poceirão, onde estavam formados os Castelhanos; e sendo-lhe preciso dar meia volta, por ser só o lado esquerdo o que marchava, vierão a ficar vanguarda as carruagens; e como o exercito de Castella ficava tão vizinho, he certo, que se os Cabos delle foirão mais experimentados, não perderão occasião tão opportuna, como derrotar só com o corpo da Cavallaria todo o nosso exercito,



Anno  
1657.

ercito, penetrando facilmente as carruagens; e o lado esquerdo da Infantaria, sem a guarnição da Cavallaria, que occupava o lado direito: e esta he a verdadeira sciencia, que devem aprender os Generaes, por não se exporem a perder por hum descuido exercitos, e Monarquias. Nesta fórma marchou o exercito de Castello Velho para o alojamento da Amoreira, e só desculpou a inadvertencia dos inimigos hum choveiro com grande escuridão, que lhes encobrio a nossa desordem, que se accrescentou na passagem de hum regato, ainda que pequeno, de poucos, e difficeis passos. Os Castelhanos tarde arrependidos de não lograrem as duas occasioens, que lhes offereceo a fortuna, tanto que observarão o alojamento, que o nosso exercito buscava, desoccuparão o sitio do Poceirão, e vierão guarnecendo com o exercito a linha, que já estava levantada, em que só havião deixado hum pequeno corpo de Infantaria, e Cavallaria. Houverão alguns discursivos que entenderão, que se logo que chegámos a Castello-Velho, marchamos a atacar a linha, que seria facil, por estar desguarnecida, introduzir o socorro em Olivença; porém este discurso era manifesto engano; porque o nosso exercito estava mais distante das linhas, que os Castelhanos do socorro dellas; e para tão grande intento era necessario huma resolução muito anticipada, a que se seguisse a distribuição das ordens para o assalto, socorros, e reservas, havendo de pelejar com exercito fortificado, e mais poderoso.

Manoel de Saldanha festejou com muitas salvas a chegada do exercito, e lançou alguns cavallos na estrada cuberta governados pelo Capitão Estevão Augusto de Castilho, que sustentaraõ huma leve escaramuça. No alojamento da Amoreira achou o exercito a commodidade de cobrir o lado esquerdo o regato, que havíamos passado. Na frente do lado direito, e retaguarda se deu principio a huma trincheira; porém as horas do dia eraõ poucas, e a chuva tão grande, que toda a noite passamos com as armas na mão; mas não occasionou a pouca resolução dos Castelhanos outro embaraço. Chegou a manhã, e como a vizinhança dos quarteis era muita, e o



Anno  
1657.

fitio do nosso quartel baixo, e estreito, começamos a experimentar damno consideravel da artilharia inimiga, e não era igual o prejuizo dos Castelhanos; porque a nossa era ligeira, e os seus quarteis superiores, e dilatados, e por instantes se hia descobrindo a inutil assistencia daquelle quartel. Ao terceiro dia dos cinco que estivemos nelle, vendo-se que estava estreito, (porque só depois de experimentados os danos, se conheciaõ os erros) resolvendo-se que se alargasse, sahio o Governador da Cavallaria com a maior parte della a buscar faxina para esta obra a hum lugar pouco distante do quartel. Os Castelhanos, ou querendo reconhecer este movimento; ou desejando tentar a nossa constancia, lançarão fóra das linhas parte da sua Cavallaria com algumas mangas de mosqueteiros. Observada pelos nossos Cabos esta resolução, tomaraõ por expediente mandar recolher a Cavallaria ao quartel, ficando só fóra delle alguns Officiaes, e Soldados, que sustentaraõ por algum espaço huma bem pelejada escaramuça. Este successo desalentou muito os animos dos Soldados, entendendo que serem taõ pouco prosperos os principios, pronosticava a infelicidade dos successos futuros; e justamente consideravão, que se o intento de se occupar aquelle posto, era socorrer Olivença a todo o risco, e qualquer resolução que se tomasse, seria menos arriscada, que o empenho, em que estava o exercito, não podia haver desculpa, para se não usar do beneficio da occasião presente, atacando parte das tropas inimigas, que inconsideradamente havião sahido dos seus quarteis, porque rompendo-as, ficava menos difficil atacar as trincheiras; e sendo contrario o successo, podia todo o exercito tomar o empenho, dando batalha com mais ventagens das que hia buscar, havendo de atacala rompendo as trincheiras dos inimigos; e com este desengano parecia imprudente desconcerto persistir-se naquelle quartel, e sacrificarem-se sem merecimento as vidas dos Soldados ás ballas da artilharia dos inimigos. Não ignoravaõ os Cabos, e Officiaes maiores estes discursos; obrigados delles, e do descommodo da artilharia, que não deixava persistir muitas



Anno  
1657.

tas horas a maior parte das tendas em hum lugar, não sem reparo dos que as sustentarão com mais firmeza, e dos que as não tinham, tratarão de mudar de resolução. Chamou o Conde de S. Lourenço a conselho os Cabos, e Mestres de Campo, Tenentes Generaes da Cavallaria, Titulos, e Conselheiros de Guerra, como era estylo; allentarão, que o General da artilharia com oitocentos Infantes, e quinhentos cavallos marchasse logo a inter- prender o Forte de S. Christovão, que ganhado, ficaria facil a resolução de sitiar o exercito Badajoz. Executou- se este intento, não se ignorando, que era arriscado se- parar-se este corpo de gente de exercito, quando era preciso retirar-se á vista dos Castelhanos, sem duvida su- periores na Cavallaria, ainda que marchassem unidos. Venceo este inconveniente a razão de se julgar mais fa- cil a interpreza do Forte de S. Christovão, quando os Castelhanos, que o guarnecião, estavam mais descuidados na confiança do empenho, em que se achava o nosso ex- exercito no alojamento da Amoreira. Marchou Affonso Fur- tado com o maior segredo, que foi possível; porém com tão máo successo, que a noite, em que havia de execu- tar a interpreza, foi tão tempestuosa, que perdidos os guias, e confusos os Soldados nos olivães de Elvas, por onde foi a marcha, faltarão as horas da noite para chegar ao Forte antes da madrugada, com que foi preciso a Af- fonso Furtado retirar-se a Elvas, não sem suspeita de que os guias, ou medrosos, ou corrompidos, maliciosamen- te errarão o caminho, por ser tão seguido, que parecia impossível perderem-se, por maior que fosse a escuridão, e tempestade; porém estes successos podem acontecer sem malicia, e os discursos humanos sempre se encami- nhão a imaginar o menos virtuoso.

Procura Af-  
fonso Furta  
do ganhar o  
Forte de S.  
Christovão, o  
que não teve  
effeito.

O dia seguinte, ao que partio Affonso Furtado do quartel da Amoreira, que se contavão onze de Mayo, se poz em marcha o nosso exercito, cuberto pelo lado di- reito com o regato da Amoreira, pelo esquerdo com os carros, e toda a Cavallaria na retaguarda. Os Caste- lhanos, não sem culpa de pouco vigilantes, não senti- rão o nosso movimento, senão depois do exercito hir

Retira-se  
sem effeito  
o exercito.



Anno  
1657.Continua-  
se o sitio.

em marcha. Para observalla, sahio o Duque de Ofluna dos seus quartéis com trinta batalhoens, e seguiu o exercito até reconhecer, que tornava a occupar o quartel de Geromenha, de que havia sahido. A pena, que causou nos sitiados verem retirar o exercito sem operação alguma, sendo grande, não foi maior da que trouxerão os Soldados de os não socorrerem; porque em todos era o sentimento de qualidade, que mais facilmente entregarão as vidas, que a opinião, que suppunhão perdida naquella retirada. O tempo, que o exercito esteve alojado no quartel da Amoreira, adiantaraõ os Castelhanos pouco o trabalho contra a Praça, e achavão-se os alojamentos ainda muito distantes da estrada cuberta, e as batarias da artilharia, que jogavão de muito longe, era pouco o damno, que tinham feito nas muralhas: porém o Duque de S. German tendo por maior effeito a retirada do exercito para desalento dos sitiados, que o animo que lhes podia infundir verem-se pouco opprimidos, mandou fazer huma chamada, e propor a Manoel de Saldanha a razão, que tinha de entregar aquella Praça, na desesperaçãõ de se retirar o exercito sem poder soccorrella. Repulsou elle esta primeira proposta, caminharãõ os aproxes, chegarãõ-se as batarias, e os Castelhanos occuparãõ hum fortim, que os sitiados largarãõ sem serem constrangidos, e a este passo melhoravãõ os Castelhanos o seu partido, mais pela pouca destreza dos sitiados, que pela sua industria.

O Conde de S. Lourenço tanto que chegou ao alojamento de Geromenha, chamou a conselho, e propoz com poucas palavras, que elle estava deliberado a executar huma de duas empresas, ou voltar sobre as linhas dos Castelhanos a procurar rompelas, ou atacar Badajoz; porque ganhada aquella Praça, ainda que se perdesse Olivença, conseguiãõ as Armas del-Rey maior utilidade, e maior reputaçãõ; declarando, que não admittiria voto, que não abraçasse huma das duas resoluçoens propostas. Todos os que se acharãõ no conselho, como viraõ que o Conde resolvia, e não consultava, convierãõ na empresa de Badajoz, por ser das duas a menos difficiltoza.



tosa, André de Albuquerque, e Manoel de Mello acrescentarão, que não seria inutil ganhar-se o Forte de Telena, e procurar se naquella sitio cortarem-se os comboys, que de Badajoz passavão ao exercito. O Conde de S. Lourenço remetteo á Rainha todos os pareceres dos que votarão pelo seu preceito, afinados em hum papel, que lançou Diogo Gomes de Figueiredo, que servio sem posto naquella Campanha. Chegado o correio, que levou este papel, mandou a Rainha juntar os Conselheiros de Estado, e Guerra, e dividindo se os pareceres, se conformou a Rainha com os votos do Conde de Odemira, e Francisco de Mello, que forão de opinião, que se intentasse ganhar os Fortes de Telena, e S. Christovão: que se sitiesse Badajoz, e que se tivesse attenção a cobrir-se a Provincia das invasoens da Cavallaria inimiga. Os outros votos concordaraõ, que na eleição do Conde de S. Lourenço, e do Conselho de Guerra do exercito, devia a Rainha deixar os caminhos, que se haviaõ de seguir, para se remediar o aperto, em que Olivença se achava; porque conheciaõ o estado do exercito dos Castelhanos, as diversoens que se deviaõ fazer, e os sitios, que se haviaõ de occupar, para se impedirem os comboys; e consideradas todas as circumstancias deste taõ grande negocio, esta entre todas era a opiniaõ mais acertada; porque o intento do Conde de S. Lourenço ficava desvanecido com o pequeno exercito, que governava para romper as linhas, e com os poucos instrumentos de expugnação, muniçoens, e mantimentos, para sítiar Badajoz. Os votos dos Cabos, e Officiaes do exercito, huns se accommodaraõ ao menos factivel, que era sítiar Badajoz; outros a occupar Telena, que era o menos util; porque Telena para divertir o perigo de Olivença, era sitio muito remoto; e para impedir os comboys, que passavão de Badajoz aos quarteis, sendo os Castelhanos superiores no corpo da Cavallaria, era impraticavel, e infructuoso, ainda que fora possivel sustentar Telena, perdida Olivença: e os Conselheiros, com que a Rainha se conformou, cahiraõ no mesmo erro, assim nesta opiniaõ como na de atacar o Forte de S. Christovão; porque esta empreza, não ha-



Anno  
1657.

vendo meios para intentar o sitio de Badajoz, era arriscar gente sem utilidade; porque os Castelhanos não havião de levantar o sitio de Olivença, em quanto Badajoz não tivesse maior risco, que a perda do Forte; porque como entre o Forte, e a Praça se interpunha a corrente do Rio, não era aquelle o posto, em que se arriscava a conservação da Praça: e de todos estes discursos se deve inferir, que ou para o soccorro de Olivença se havia de occupar o sitio de Castello-Velho, ou contrapezar-se com a diversão de Albuquerque, (Praça naquelle tempo facilissima de conseguir, se se intentasse, pela pouca guarnição, que a defendia)

Intenta Affonso Furtado segunda vez enterprender o Forte de S. Christovão, e não o consegue.

Passa o exercito a Badajoz.

A resolução, que a Rainha tomou, partindo de Lisboa sem demora, quando chegou ao exercito o correio, que a levou pela posta, já o Conde de S. Lourenço havia mudado de parecer, elegendo novo partido, que desbaratou todas as opinioens, que ficão referidas; porque levado de fervoroso impulso, mandou sem outra conferencia, que o exercito marchasse a sitiar Badajoz, anticipando se segunda vez Affonso Furtado a enterprender o Forte de S. Christovão, e padecendo no intento a mesma infelicidade; porque entregando a Antonio Mexia Benito, Tenente do Commissario Geral João da Silva de Sousa, avaliado pelo mais pratico do exercito em toda aquella campanha, as escadas, e petardos, com o pretexto de perder a estrada, quando Affonso Furtado chegou com a Cavallaria, e Infantaria, se achou sem aquelles instrumentos precisos para conseguir o que intentava. Foi prezo Antonio Mexia com grande estrondo, depois solto com pouco castigo: e de similhantes exemplos procede ordinariamente a corrupção da disciplina dos exercitos. Retirou-se Affonso Furtado com excessivas demonstraçoens de sentimento do successo, em que não foi culpado o seu valor, nem a sua vigilancia. Não divertio esta desgraça a marcha do exercito, que intentava ganhar Badajoz, e chegou a quinze de Mayo á vista daquella Praça. Forão avançados os Terços dos Condes de S. João, e Torre com ordem do Mestre de Campo General, que occupassem humas hortas visinhas á muralha;



Anno  
1657.

Iha; conseguirão ganhar o mesmo posto, rompendo a opposição de incessantes batarias, e fortificando se ficarão occupando a cabeça da trincheira, e o Conde de S. Lourenço mandou a Elvas conduzir toda a artilharia grossa, que era necessaria para dar principio ás batarias, e ao sitio. Despedida esta ordem, mudou o Conde de repente de opinião, e resolveo, que na madrugada do dia seguinte se desse hum assalto geral á Praça de Badajoz, desprezando todas as considerações, que podiaõ dar a esta empreza o titulo de temeraria, assim pela vigilancia dos defensores no segundo dia do sitio, como pela circumvalação da Cidade ser tão larga, e o exercito tão pouco numeroso, que não podia atacar-se por tantas partes, que a guarnição fizesse divisaõ consideravel: além de que as muralhas antigas erãõ tão levantadas, que não havia escada, por mais que se accrescentasse, que chegasse ao alto dellas; e como a altura ficava fóra da proporção, era impossivel sustentarem o pezo da gente, que havia de subir; porém como era maior o empenho do Conde de S. Lourenço, que todas estas difficuldades, levou adiante o seu intento, ordenando que Manoel de Mello marchasse com mil e seiscentos cavallos a occupar as estradas, que vinhão do exercito inimigo para Badajoz, e impedir os soccorros, que naquella noite podiaõ entrar na Praça, e que ao romper da manhã, para dar calor ao assalto, se arrimasse a ella. A execução da interpresa, pela parte mais visinha ao Rio, tocou aos Mestres de Campo Simão Correia da Silva, Agostinho de Andrade Freire, e ao Terço do Mestre de Campo João Leite de Oliveira, que marchou de reserva. A porta da Trindade, que ficava distante tres mil passos, avançãõ os Mestres de Campo Ruy Lourenço de Tavora, e Diogo Sanches del-Pozo, e de reserva o Conde de Miranda com o Terço da Armada, e o Tenente General da Cavallaria Tamaricurt dava calor ao assalto com seiscentos cavallos. Repartirãõ-se as escadas pelos Capitaens vivos, e reformados, e Soldados de qualidade, e valor, e antes que os Terços avançassem, se dispararãõ na Praça cinco peças, que manifestavãõ a vigilancia dos sitiados, e de-

Dá hum assalto á Praça com máo successo.



Anno  
1657.

e depois se averiguou, que fora final, para que todos estivessem com as armas nas mãos, por haver fugido hum Soldado do exercito, que deu aviso das preparaçoens, que vira para o assalto, e de hum comboy, que entrou na Praça, sem darem fé delle as nossas partidas; e não bastou este accidente para desvanecer aquella imtempestiva resolução, e já com a luz do dia avançáraõ os quatro Terços á muralha com tanto valor, que a ser a empresa possível, a conseguiraõ. Arrimáraõlhe as escadas, e reconhecendo que não passavaõ as mais altas de dous terços da altura da muralha, e querendo parecer mais temerarios, que temerosos, as occupáraõ todos aquelles, a quem foraõ destinadas; e experimentando que se faziaõ em pedaços humas com o pezo da gente, outras com os golpes das pedras, que os Castelhanos lançáraõ das muralhas, não bastou este desengano, para se retirarem os valerosos expugnadores; e despresando a peito descoberto nuvens de ballas, e outros furiosos instrumentos, que cahiaõ sobre elles, com as mãos parece que intentavaõ desfazer as muralhas, sem se apartarem dellas, até ouvirem que as trombetas, e tambores tocavaõ a retirar. Obedecéraõ, e constando a Simaõ Correya da Silva, que havia ficado ao pé da muralha hum petardo, que havia deixado outro Terço, o mandou retirar pelo seu Sargento mór Manoel Lobato Pinto com oitenta Officiaes, e Soldados, dando-lhe calor Simaõ Correya com incessantes cargas, e por entre infinitas ballas conseguiraõ o seu intento; tendo Simaõ Correya avançado a Praça com summo valor pela parte mais arriscada, por lhe ficar exposto o lado esquerdo do seu Terço á mosquetaria da ponte; e a retaguarda á guarnição, que tinhaõ em huns moinhos os inimigos. Marchou na retaguarda o Conde de Miranda, conduzindo o seu Terço com grande socego, valor, e disciplina, não sendo poderosas as ballas de artilharia, e mosquetaria, que furiosamente jogavaõ contra elle, para o obrigarem a apressar o passo, ou alterar a fórma, a que fez a acção da retirada, não menos valerosa, que a da investida. Manoel de Mello embaraçado com a estreita passagem  
do



Anno  
1657.

do Rio Calamon, chegou com a Cavalaria junto a Badajóz, quando a Infantaria se tetirava com setenta Officiaes, e Soldados mortos, e terzentos feridos. Os mortos, que obrigáraõ a maior sentimento, foraõ o Mestre de Campo Rui Lourenço de Tavora, em quem concorriaõ igualmente ser muito illustre, ter grande valor, e galharda presença; o Mestre de Campo Diogo Sanches del Poço, de nação Castelhano, que sem offensa da sua opiniaõ, por se achar casado com domicilio neste Reyno, quando ElRey se acclamou, servio valerosamente todo o tempo, que lhe durou a vida: Sebastiaõ de Vasconcellos, filho terceiro do Conde de Castello-Melhor: Manoel da Cunha, e Manoel Arnau, Capitães de Infantaria do Terço de Simaõ Correia, Alvaro de Mesquita do Terço de Agostinho de Andrade, nomeado Capitaõ de cavallos, que desejosos de acreditar o seu valor, immortalizáraõ a sua memoria. Os feridos, que déraõ maior cuidado, foraõ o Conde Camareiro mór, a quem deu huma balla em huma face, por ser em todas as occasioens de maior risco, ou o primeiro, ou dos primeiros, que expunhaõ liberalmente a vida pela liberdade da patria. O Mestre de Campo Simaõ Correia da Silva, ferido em huma perna, para que não faltasse este esmalte á sua gloria; Antonio Francisco de Saldanha, herdeiro da casa, e valor de seu pay Ayres de Saldanha, com huma balla em huma perna.

Sentio intimamente o Conde de S. Lourenço este máo succéslo, assim pelas disposiçoens, e circunstancias d'elle, como pelo defengano de se impossibilitar o soccorro de Olivença; porque o sitio por instantes se estreitava, e o noslo exercito por horas se diminuía. Por este respeito, e por todas as razoens referidas, chamou o Conde de S. Lourenço a conselho; pareceo uniformemente que o exercito não devia persistir naquella inutil empreza, por não fazer mais difficil o empenho da reputação das Armas. Com esta determinação passou o Guadiana; e ficou alojado sobre o Rio Caia, e ao dia seguinte continuou a marcha para Geromenha, só com o fundamento de animar os sitiados; sem se prevenir



Anno  
1657.

Vai Affonso  
Furtado in-  
terprender  
Valença,  
volta para o  
exercito sem  
conseguit o  
intento.

Entrega-se  
Olivença.

nir o descredito, a que nos hiamos expor, sendo testi-  
munhas da entrega de Olivença. Chegou neste tempo  
aviso de Manoel de Saldanha, de que os Castelhanos  
havião occupado todas as obras exteriores á custa de mui-  
tas vidas; porém que não conseguiraõ ganhallas, senaõ  
depois de lhas largarem, e deste indesculpavel erro fa-  
zia jaçtancia: dizia que os mortos naõ passavaõ de cen-  
to, em que entravaõ os dous Engenheiros Joaõ Gilot,  
e Diogo de Aguiar; que pudera ser maior a perda, se  
naõ houvera reduzido a guarniçaõ ao corpo da Praça:  
queixava-se da falta das muniçoens, principalmente de  
polvora; ultimamente pedia, que naõ podendo ser soc-  
corrido, se lhe fizessem certos sinaes, para tratar com  
tempo de melhorar o seu partido. O Conde de S. Lou-  
renço vendo o precipicio a que os sitiados caminhavaõ,  
lhes mandou fazer alguns sinaes, que ou por serem os  
que estavaõ concertados para a certeza de os naõ soccor-  
rerem, ou por se enganarem com elles, se dispuzeraõ  
logo a entregar a Praça. Avisou o Conde de S. Louren-  
ço a Rainha, e resolveo mandar o General da Artilha-  
ria a interpretar Valença, Praça de uteis consequenci-  
as com quatro Terços de Infantaria, e seis batalhoens á  
ordem do Tenente General da Cavallaria Diniz de Mel-  
lo, e Castro. Marchou Affonso Furtado, e naõ podendo  
lograr a interpreza, nem levando disposiçoens para lar-  
ga demóra, o mandou retirar o Conde de S. Lourenço,  
novamente disposto a soccorrer Olivença; porque do  
alojamento de Caya passou o exercito, como dissemos,  
a alojar junto a Guadiana, fez alto huma legoa por ci-  
ma de Geromenha, e a este posto chegaraõ de Olivença  
Joaõ Mendes Mexia, o Capitaõ de Infantaria Antonio  
Barboza de Brito, Fernaõ Gomes de Cabrera, o Padre  
Antonio de Mattos Mexia, Lourenço Galego Farjado,  
Gil Lourenço Cabeça, Bento de Mattos Mexia, com  
as capitulaçoens, que Manoel de Saldanha havia feito  
com o Duque de S. German; porque Manoel de Saldan-  
ha ainda que lhe sobrava valor, como lhe faltava ex-  
periencia, e Officiaes, que o aconselhassem, parecen-  
do-lhe que os sinaes, que o Conde de S. Lourenço man-  
dou



Anno  
1657.

dou fazer para entregar a Praça , como elle entendeu , eraõ bastante desculpa desta resolução , ordenou que sahisse della o Mestre de Campo Joaõ Alvares de Barbuda , e o Sargento mór Joaõ Rodrigues Coelho , que ajustarão as capitulaçoens da entrega da Praça , fazendo-se primeiro aviso ao Conde de S. Lourenço. Foraõ no exercito taõ mal recebidos os Commissarios , que trouxeraõ as capitulaçoens , que se naõ perdoou a afronta alguma , com que os naõ escandalizassem. O Conde de S. Lourenço impaciente de taõ repetidas desgraças , deu conta á Rainha , e lhe remeteo todas as cartas , e papeis , que haviaõ chegado de Olivença. Mandou a Rainha juntar ( como em todas as occasioens tinha feito ) os Conselheiros de Estado , e Guerra , e encommendou lhes com varonís , e heroicas palavras , que naõ perdoassem a diligencia alguma , para se procurar remedio a desgraça tanto para sentida , como a perda de Olivença. Depois de dilatada conferencia , forão de parecer a maior parte dos votos , que a Rainha escrevesse a Manoel de Saldanha quebrasse a capitulação , segurando-lhe que havia de ser soccorrido , ainda que todo o exercito se arriscasse a padecer a ultima ruina , e que para obedecer a esta ordem , como se esperava do seu valor , e da sua qualidade , lhe naõ podiaõ faltar pretextos , sendo que a mesma capitulação os insinuava ; e que ao Conde de S. Lourenço se mandasse ordem , para que unindo toda a gente , que lhe fosse possivel , passasse Guadiana a soccorrer Olivença ; e que para lhe assistir partisse para o exercito o Conde de Castello-Melhor , e o Conde de Sabugal ; porque seriaõ de grande utilidade , pelas virtudes que professavaõ. A Rainha , que desejava fervorosamente esta resolução , mandou expedir as ordens , e partiraõ os Condes de Castello-Melhor , e Sabugal com grande desejo de poder ter parte na emmenda dos erros passados. O Conde de S. Lourenço , tanto que lhe chegou a ordem da Rainha , passou Guadiana , e occupou o quartel de Geromenha , e promptamente remeteo a Manoel de Saldanha a carta da Rainha , segurando-lhe que estava deliberado a soccorrello a todo o risco. Esta resolução soube



Anno  
1657.

be Manoel de Saldanha ao mesmo tempo, que o Duque de S. German; porque a noite em que se tomou, fugio do exercito Manoel da Silva Ajudante da Cavallaria, a que chamavão o Queimado, e informou ao Duque de tudo quanto se tinha assentado no Conselho, como muitas vezes havia feito; porque o Conde não só se não recatava delle, mas lhe fiava os avisos, que fazia a Manoel de Saldanha, que elle sem dilação remetia ao Duque de S. Geman; que até este infortunio teve esta Campanha, por lhe não faltar desgraça alguma, que não padecesse. Chegarão a Manoel de Saldanha as cartas da Rainha, e as do Conde de S. Lourenço, e outras de parentes, e amigos seus, em que o exhortavão a tornar a pelejar, pelos mesmos que havião passado ao exercito, dizendo lhe juntamente de palavra as afrontas, que nelle padecerão, e os rogos, e promessas do Conde de S. Lourenço, sem duvida deliberado a soccorrello a todo o risco. Tanto que Manoel de Saldanha recebeu estes avisos, chamou á casa do Senado da Camera todos os Officiaes de guerra, homens nobres, e pessoas Ecclesiasticas, e lhes fez presente a carta da Rainha, a do Conde de S. Lourenço, e tudo o mais que de palavra lhe havião comunicado os que forão ao exercito, e especialmente o Capitão Antonio Barboza de Brito, de quem o Conde de S. Lourenço fiou com mais particularidade segurar a Manoel de Saldanha a certeza de soccorrello, e os caminhos, que a capitulação deixava abertos, para que pudesse rompelos sem quebrar a palavra, e lembrando lhe da parte da Rainha, que a maior obrigação era dar a vida pela defenza daquella Praça, e pelo credito das Armas do Reyno. Depois de Manoel de Saldanha referir as ordens, que lhe chegaraõ, representou o estado da Praça, a falta de polvora, a palavra dada, e o perigo de a não observar; e loando melhor nos ouvidos dos que estavão presentes a segunda, que a primeira proposição, votarão que a Praça se entregasse, e forão só de parecer contrario com louvavel resolução o Sargento maior Manoel de Magalhaens, e o Capitão Antonio Barboza de Brito; o qual depois de referir em publico tudo o que



Anno  
1657.

o que o Conde de S. Lourenço lhe havia dito, se offereceo a ser o primeiro, que quebraſſe a capitulação. Não se acharaõ neste infelice congresso o Mestre de Campo João Alvares de Barbuda, e o Sargento maior João Rodrigues Coelho, que estavam em refens no exercito Castelhano; e Manoel de Saldanha passando a Antonio Barboza huma certidão, que lhe pedio, do que havia votado, se conformou com o maior numero dos votos, resolvendo entregar Olivença com as capitulaçoens ordinarias de ſahir livre a guarnição paga com armas, e bandeiras, e os moradores com a ſua roupa, e mantimento; e para inteira ſatisfação das capitulaçoens, mandou o Duque de S. German ao exercito em refens a D. João de Luna Porto-Carrero, Capitão de Cavallos, filho terceiro do Conde de Montijo, e a D. Pedro Porto-Carrero filho do Marquez de Barcarrota. O Conde de S. Lourenço, ainda que conheceo, que todas as diligencias erãõ inuteis, os não recebeo como refens, ſem ordem da Rainha, e o ultimo aviso da resolução, que tomava Manoel de Saldanha de pelejar, ou entregar a Praça; e por eſtas conſideraçõens os mandou deter no exercito em cuſtodia. Pouco tempo tardou a ſolução deſte embarço; porque a trinta de Mayo recebeo Manoel de Saldanha em Olivença a guarnição Caſtelhana, e ſahio daquelle Praça com dous mil e trezentos Infantes, e huma Companhia de cavallos. Fizerãõ os Caſtelhanos exquisitas diligencias, e largas promeſſas aos paizanos, que quizeſſem accomodar ſe a não largar o ſocego de ſuas caſas, e utilidade das ſuas fazendas; e foi tal a conſtancia daquelle Povo, que chegando a offerecer aos que ſe reſolveſſem a ficar em Olivença todas as fazendas dos que ſahiſſem da Praça, não ſe achou algum, que não tiweſſe por mais ſuave ſer pobre entre os ſeus naturaes, que rico na companhia dos inimigos. Chegando ao Conde de S. Lourenço eſta noticia com a da entrega da Praça, remeteo todas as carruagens do exercito, para que mudaeſſem os paizanos as roupas de ſuas caſas permitidas nas capitulaçoens, e a Rainha com generoſa attenção accommodou a todas as familias, e lhes ſatisfez a perda



Anno  
1657.

perda que tiverão. Chegou Manoel de Saldanha ao exercito, e o Conde de S. Lourenço, sem permittir que fizesse a menor dilação, o mandou remetter preso ao Castello de Villa-Viçosa, e repartir pelas prizoens de varias Praças ao Mestre de Campo João Alvares de Barbuda, ao Capitão de Cavallos Estevão Augusto de Castilho, ao Sargento Maior João Rodrigues Coelho, ao Tenente General da Artilharia Francisco de Fur, e ao Capitão de Infantaria Antonio Barboza de Brito, sem mais culpa, que acharse naquella desgraça. Brevemente os conduziraõ todos a Lisboa, e depois de dilatada prizaõ, foi degradado toda a vida para a India Manoel de Saldanha, os mais sahiraõ soltos, e João Alvares de Barbuda passou desta a maior desgraça.

A perda de Olivença, ou por ser grande, ou por ser a primeira, que depois da aclamação se havia experimentado de importancia tão grande, foi taõ sentida da Rainha, dos Ministros, e de todo o Reyno, que occasionou a deliberação da Rainha, universalmente approvada, que Manoel de Saldanha, depois de ajustar as capitulaçoens, as rompesse, empenhando a palavra Real em haver de ser soccorrido, sem reparar nas arriscadas consequencias de atacar hum exercito mais poderoso, e fortificado, que podia ganhar a batalha, naõ lhe rompendo as linhas, preferindo a qualquer perigo a opiniaõ das Armas do Reyno, diminuida com a entrega de Olivença.

De tres partes se compuzeraõ os successos desta campanha, a primeira das resoluçoens da Rainha, e Ministros que lhe assistiaõ; a segunda das operaçoens do exercito, a terceira das disposiçoens dos sitiados. Em quanto á primeira, naõ houve mais culpa, que tirar a Rainha intempestivamente o governo das Armas ao Conde de Soure; porque mostrou a experiencia, que as suas consideraçõens eraõ as mais proporcionadas para desbaratar todos os intentos dos Castelhanos, e juntamente naõ se applicarem com tempo os soccorros das Provincias, para que sendo o exercito mais numerozo, se achasse menos irretoluto para buscar algum util empenho: todas



Anno  
1657.

as mais prevençoens, e ordens corresponderão muito igualmente á qualidade da materia, que se tratava. Na segunda parte succederão indesculpaveis defattençoens; porque o exercito sahio de Elvas sem haverem chegado os soccorros das Provincias, sendo certo, que se os aguardaraõ, vierão com mais presteza; porque fô nesta confiança os Governadores das Armas os dilataraõ. Marchou a soccorrer Olivença, sem os Generaes tomarem resolução da fórma, em que se havia de intentar o socorro; porque nem se determinaraõ a atacar as linhas, nem a romper de noite hum quartel, nem a eleger sitio, que embaraçasse os comboys, ou difficultasse os approxes dos Castelhanos, occupando sem consideração o quartel da Amoreira, que foi o principio de se perturbarem todas as operaçoens do exercito. Seguio-se a este erro a interpresa de S. Christovão sem algum fim; o intento do sitio de Badajoz sem prevençaõ alguma para tão grande empreza, deu-se-lhe principio com hum assalto ás muralhas da Praça; prevenida sem minas atacadas, que as voassem, nem escadas que chegassem ao alto dellas, e sem mais causa, que ficarem no assalto setenta mortos, e retirarem-se trezentos feridos, levantou o exercito o sitio de Badajoz, e passou Guadiana. Com poucas prevençoens foi mandado o General da artilharia a atacar Valença com parte do exercito, de que resultou não conleguir esta empreza. A terceira parte, que tocou aos sitiados, tambem se compoz de desordens, e desconcertos; porque sendo todos valerosos, nenhum tinha noticia da fórma, com que se podia defender huma Praça. Manoel de Saldanha havia sido Capitaõ de Cavallos com excellente opinião, e Mestre de Campo com pouco exercicio da Infantaria. Os Officiaes, e Soldados não tinhaõ mais destreza, que decidir com brevidade as coufas, que nos annos antecedentes se haviaõ pleiteado de poder a poder; e a todos necessitou a insufficiencia a dispender a polvora sem necessidade, a largarem as obras exteriores, e a estrada cuberta, sem serem constrangidos a capitularem sem tempo, e a não romperem a capitulação, quando o tiveraõ. Toda esta corrupçaõ de



Anno  
1657.

conselhos, toda esta confusão de resoluções concorreo em beneficio da pouca sufficiencia dos Castelhanos, que conseguiraõ ganharem Olivença mais pelos nossos desertos, que pelas suas acções tão pouco ajustadas; que bastara sermos constantes em qualquer resolução, para sermos vencedores.

A Rainha logo que teve noticia da perda de Olivença, mandou ao Conde de S. Lourenço, que passasse mostra ao exercito, e que lhe remetteste as listas: vierão todas ao Conselho de Guerra firmadas pelos Officiaes, e constava a Infantaria de doze mil, duzentos e vinte Soldados, e Officiaes, em que entravão mil e novecentos noventa e cinco Auxiliares, todos capazes de pegarem nas armas, tres mil e cincoenta e tres cavallos, de que estavão impedidos seiscentos e cincoenta. Desejava a Rainha buscar alguma satisfação, que recompensasse a perda de Olivença; porém como o exercito de Castella estava desembaraçado, e era superior no corpo da Cavallaria, qualquer empreza seria arriscada, e por esse respeito resolveo, que o exercito fortificasse Geromenha, por se a Praça, que naquelle tempo cobria o interior da Provincia de Alentejo. O Duque de S. German glorioso com a entrada de Olivença, mandou promptamente desfazer as linhas, e quartéis, e accommodar nas fortificações, o que lhe pareceo necessario innovar; porque as ruinas não lhe tinhaõ feito damno, pelo pouco que os Castelhanos havião adiantado as baterias, e aroxes, oito dias gastou nesta diligencia. Desfeitas as linhas, e guarnecida a Praça, marchou com o exercito para Badajoz; e com esta noticia passou o Conde de S. Lourenço Guadiana, e mandou ao Conde da Torre, e a D. Manoel Henriques com os seus Terços para Campo Maior; porque já era igual o receio do perigo de todas as Praças; tem embargo de se haver acrescentado o nosso exercito naquelles dias de sorte com novas levadas de foccorros de Infantaria, e Cavallaria, que passava de quinze mil Infantes, e tres mil cavallos; porém a confusão dos Cabos (destruição dos exercitos) era de qualidade, que ainda sendo maior o numero, se não puderão



Anno  
1657.

derão conseguir acçoens acertadas; porque até Deos com Gedeão, para se destruirem os Gabaonitas, mandou apartar o menor numero por conforme, e desprezar o maior por delunido. A Rainha conhecendo a defunção dos Cabos do exercito, sentia com notavel extremo considerar a reputação das Armas do Reyno no seu governo diminuida; e entendendo os Ministros, que lhe assistião, esta sua afflicção, se mostravão promptos, e obedientes a executar qualquer empreza, que intentasse. Neste intervallo tratava o Conde de S. Lourenço de fortificar Geromenha, e o Duque de S. German de compor o exercito de Castella para novos progressos. Chegarão-lhe tropas das fronteiras de Catalunha, levas de varios Reynos daquela Monarquia, e depois de deixar todas as Praças com grossas guarniçoens, marchou com dez mil Infantes, e quatro mil cavallos a sitiar Mourão, que ficava cinco legoas distante de Olivença, menos de huma de Monçaraz, interpondo se a corrente de Guadiana entre as duas Praças com igual distancia de ambas. Chegou o Duque de S. German áquella Praça a treze de Junho: assistia no governo della o Capitão de cavallos João Ferreira da Cunha com a sua Companhia, e tres Companhias de Infantaria. Não tinha Mourão mais defenfa, que hum antigo, e pequeno Castello, em que havia mantimentos, e muniçoens para quatro mezes; prevenção bem inutil, sendo as muralhas tão fracas, que não podiaõ resistir quatro dias de sitio. O Conde de S. Lourenço, tanto que recebeu o aviso do intento dos inimigos, marchou com o exercito para Monçaraz, e achou aos Castelhanos oppostos com a Cavallaria, e parte da Infantaria á passagem de Guadiana. Desejava o Conde summamente melhorar com algum bom successo as infelicidades passadas; porém cresciaõ por instantes de forte os obstaculos, e difficuldades, que não se apontava remedio, que não insinuasse a enfermidade mais perigosa: o desejo de passar com o exercito Guadiana era infructuoso, e arriscado tentar a passagem no porto junto a Moura, cinco legoas distante, pela falta de mantimentos das Praças visinhas. Os sitiados

Sitia o Duque de S. German Mourão.



Anno  
1657.Rende-se a  
Praça.

mostravaõ constancia na defenſa de Mouraõ ; porẽm nãõ sendo o ſoccorro breve , parecia difficil a preſiſtencia. Entre tantos inconvenientes nãõ faltava aos Soldados o animo tantas vezes experimentado , offereceraõ-se trinta a paſſar a riado Guadiana a introduzirem-se de noite em Mouraõ , aſſim o executaraõ , e a ſeu exemplo havia muitos , que ſe deliberavaõ a igual reſoluçaõ , porẽm o Caſtello nãõ era capaz mais que de quatrocentos Soldados , que o defendiaõ , e a debilidadade das muralhas nãõ dava eſperança a larga duraçaõ. Com eſta deſconfiança , e no temor de que os Caſtelhanos intentassem maiores progrefſos , mandou o Condẽ de S. Lourenço para a Praça de Moura os Meſtres de Campo o Baraõ de Alvito , e Agostinho de Andrade , e parte da Cavallaria ; governando todo eſte corpo Manoel de Mello , que era mais que todos intereſſado na defenſa daquella Praça pelos muitos annos , que com grande aãerto a havia governado. Tratou elle de augmentar a fortificaçaõ , e de ſegurar o porto de Guadiana , para facilitar a paſſagem do exercito ; porẽm eſcuſou-lhe eſte trabalho o auiſo , de que tomando Mouraõ , os Caſtelhanos ſe retiravaõ , e ordenar-lhe o Conde de S. Lourenço , que voltaſſe com as tropas , que levara , a ſe encorporar com o exercito ; porque os Caſtelhanos havendo chegado com pouca reſiſtencia á muralha do Caſtello , e atacadas algumas minas , fizeraõ chamada , e nãõ querendo Joaõ Ferreira da Cunha acceitar os partidos , que o Duque de S. German lhe mandou offerecer , voou huma mina , e abriu brecha capaz de ſe dar por ella aſſalto. Enveſtiraõ-na os Caſtelhanos , e forãõ rebatidos dos defenſores ; porẽm os paizanos , que tinhaõ ficado no Caſtello , vendo crescer o perigo , iſtaõ ao Governador pela entrega del- le. Oppuzeraõ-se os Soldados , dizendo que queraõ antes perder as vidas ; porẽm Joaõ Ferreira na deſeſperança de ſer ſoccorrido ſe reſolveo a entregar o Caſtello no fim de ſeis dias de ſitio com honradas capitulaçoẽs. Tanto que chegou ao exercito , o mandou prender o Conde de S. Lourenço ; mas brevemente foi ſolto , por conſtar que tivera deſculpa na debilidadade das muralhas. O

Duque



Anno  
1657.

Duque de S. German, depois de reparar as ruínas do Castello, e de o accommodar com algumas defensas mais das que tinha antes de rendido, marchou para Geromenha: Chegou a Cavallaria a reconhecer a Praça; porém julgando o Duque a empreza difficullosa, retirou o exercito para Badajoz. O Conde de S. Lourenço, logo que teve noticia da marcha dos Castelhanos para Geromenha, passou de Monçaraz a Terena com tenção de se aquartelar no dia seguinte junto de Geromenha; porém avisado das partidas, que havia mandado reconhecer a marcha dos Castelhanos, de que caminhavaõ na volta de Badajoz, fez alto em Terena, chamou a conselho, e perguntou, que poderia obrar com aquelle exercito, que recuperasse as perdas, que se haviaõ experimentado. Os tres Cabos com outros votos foraõ de parecer, que o exercito se aquartelasse; porque o rigor do Sol era forçoso embaraço a qualquer operaçãõ; os Condes de Castello-Melhor, e Sabugal, votaraõ que o exercito voltasse a recuperar Mouraõ; porque a empreza era facil, e que em parte se restaurava a opiniaõ perdida. Seguiu o Conde de S. Lourenço este parecer, deu conta á Rainha, e tem esperar resposta, marchou a sitiar Mouraõ. Quando chegou á Corte esta noticia da resoluçãõ do Conde de S. Lourenço, havia a Rainha chamado a ella a Joanne Mendes de Vasconcellos, que assistia no governo das Armas da Provincia de Tras os Montes, inculcado por seus amigos, e parciaes, que lhe naõ faltavaõ, para restaurador de todas as desgraças succedidas em Alentejo; e de forte se espalhou em Lisboa esta opiniaõ, que chegando Joanne Mendes áquella Cidade, foi ao Paço acompanhado de quantidade de gente do Povo, que o seguia com vivas, e clamores, que o publicavaõ defensor do Reyno; tanto pôde na fortuna dos homens acertar as conjunturas do tempo. Foi Joanne Mendes recebido da Rainha com as palavras, e favores, de que sabia usar com grande destreza, quando lhe parecia conveniente, supposto que alguns dissessem, que passadas as occasioens, em que necessitava de seus vassallos, se naõ lembrava dos seus merecimentos. Naõ se publicou



Anno  
1657.

logo a eleição de Joanne Mendes para successor do Conde de S. Lourenço; porém de todos era entendida, e no exercito manifesta, e no mesmo ponto que a Rainha recebeu a carta do Conde de S. Lourenço, de que ficava sobre Mourão, a remetteo ao Conselho de Guerra, em que já assistia Joanne Mendes. Pareceo a todos os Conselheiros, que na consideração do empenho, em que o exercito estava, seria descredito das Armas deste Reyno mandar-lhe levantar o sitio; que se devia puxar por todas as guarniçoens pagas das Praças, e supprir-se com Auxiliares, e ordenar-se aos Governadores das Armas das Provincias assistissem ao Conde de S. Lourenço com todos os soccorros possiveis. O Conde do Prado foi de parecer, que Joanne Mendes partisse logo a governar o exercito naquella empreza, porque a desconfiança, em que o Conde de S. Lourenço havia entrado, assim dos Cabos, e Officiaes do exercito, como das desgraças succedidas, poderia occasionar algum precipicio irremediavel; e que para a Rainha mandar retirar do exercito o Conde de S. Lourenço, se offerencia justo preceito na deliberação que tomara em dar principio ao sitio de Mourão contra o parecer dos Cabos, e sem ordem da Rainha. Joanne Mendes, que não ignorava, que da confusão, e desordem, em que estava o exercito, se não podia esperar felice effeito, replicou a esta proposição, dizendo, que tirar a hum General do exercito, tendo dado principio ao sitio de huma Praça, era hum agravo poucas vezes visto, que sendo necessario se offerencia a passar ao exercito, e servir de Soldado, em quanto durasse o sitio.

Quando subio esta consulta, tinha a Rainha deliberado a reformação dos Cabos, e sem que o Conselho tivesse noticia da fórma della, allinou tres cartas, para o Conde de S. Lourenço, André de Albuquerque, e Manoel de Mello. Continha a substancia dellas, que as desgraças daquella campanha havião sido de qualidade, que para se restaurar a reputação perdida nas duas Praças de Olivença, e Mourão, e se alentarem os animos dos vassallos diminuidos com estes successos, El-Rey resolvera declarar-



Anno  
1657.

clarar-se Capitão General daquelle exercito, e por seu Tenente General a Joanne Mendes de Vasconcellos: que a André de Albuquerque nomeava primeiro Mestre de Campo General com o exercito da Cavallaria; a D. Sancho Manoel segundo Mestre de Campo General, e ao Conde de S. Lourenço reservará para lhe assistir, e aconselhar em materia tão importante, como era a distribuição das ordens do governo daquelle exercito. O Correio, que levou estas cartas, chegou a Monçaraz o mesmo dia que o Conde de S. Lourenço tinha mandado á Cavallaria passar Guadiana a tomar postos sobre Mourão, para dar principio áquelle sitio, na fórma que escrevera á Rainha naquella mesma manhã. Tanto que recebeu a carta, que lhe tocava, sem admittir conselho, nem dar parte da resolução da Rainha, partio para Lisboa soltando algumas palavras, que as desordens da ira, vencendo os documentos da razão costumão produzir. A noticia deste não imaginado successo chegou a André de Albuquerque, e juntamente a carta da Rainha, e a de Manoel de Mello, que logo lhe mandou entregar: sem dilação chamou a conselho, e foi a deliberação; que o exercito se retirasse, e conforme as ultimas ordens da Rainha, que o Conde de S. Lourenço recebera, passasse a trabalhar na fortificação de Geromenha: para este effeito tornarão as tropas a passar Guadiana, e André de Albuquerque deu conta á Rainha do que se havia assentado, e respondeu com grande prudencia á carta, que tinha recebido; porque depois de expender o seu agradecimento, representava largamente a sem-razaõ, com que era tratado o merecimento de Manoel de Mello, e rematava, que quando Sua Magestade não quizesse alterar a resolução, que estava assentada, que elle não teria mais acção, que a sua obediencia. Manoel de Mello respondeu á carta da Rainha em poucas palavras, expondo modestamente a sua queixa tão justificada, que nem toda a paixão de seus inimigos podia escurecella; porque não havia feito acção em toda aquella campanha, que não fosse digna de grande louvor, e de muito particular estimação. Marchou o exercito para Geromenha, e chegaram as referidas

Nomea a Rainha a Joanne Mendes de Vasconcellos Tenente del-Rey.

Retira-se o Conde de S. Lourenço do exercito por ordem da Rainha,



Anno  
1657.

das cartas a Lisboa, primeiro, que o Conde de S. Lourenço: remetteo as a Rainha ao Conselho de Guerra, e como o novo governo do exercito havia sahido só de conferencia de Ministros particulares sem consulta do Conselho de Guerra, votarão todos os Conselheiros, representando á Rainha as razoens do sentimento, com que se achavaõ, de se tomar huma taõ grande deliberação, como nomear-se El-Rey Capitaõ General do seu exercito, e mudarem-se os Postos maiores delle sem intervenção do Conselho; e representaraõ juntamente á Rainha a sem-razão, que se havia usado com Manoel de Mello em Sua Magestade o mandar reformar; porque o seu procedimento em todas as acçoens passadas, e naquella campanha era digno de grandes ventagens, e premios, e não de hum castigo, que nos ouvidos daquelles, que não sabem julgar mais que pelos successos, poderia parecer merecida affronta. Respondeo a Rainha a esta consulta, reprehendendo aos Conselheiros de acharem novidade a mudança dos Cabos do exercito, havendo em repetidas consultas sido deste parecer, accrescentando, que não necessitava de advertencias para estimar vassallos taõ benemeritos, como Manoel de Mello; e com esta resolução ficaraõ inalteraveis as disposiçoens referidas. O Conde de S. Lourenço chegou a Lisboa, e não foi poderosa toda a affabilidade da Rainha para moderar ás queixas, que publicava. Nestes dias havia o exercito chegado a Geromenha, e trabalhado em melhorar a fortificação daquella Praça; porém constando que os Castelhanos tinhaõ aquartelado as suas tropas, se dividio nas Praças de Elvas, Estromoz, e as mais visinhas a estas, desejavaõ André de Albuquerque, que Joanne Mendes de Vasconcellos recuperando Mouraõ, desse felice principio ao seu governo; e discorrendo por todos os successos daquella campanha, esta só verdadeiramente podia ser a queixa justificada, que o Conde de S. Lourenço podia ter de André de Albuquerque das muitas, com que se publicava offendido do seu procedimento, por se entender, que com este fim desviara André de Albuquerque o intento de se continuar o sitio de Mou-



Mourão, quando o Conde de S. Lourenço lhe quíz dar principio; porém as mais calunias todas eraõ effeito do sentimento do Conde; porque não se podia suppor que hum Varaõ das grandes virtudes de André de Albuquerque, que cortasse ( como o Conde affirmava ) pelos interesses publicos, e por odio, e paixãõ particular excogitasse meios da sua descomposiçaõ; porém todos os que fomos desinteressadas testemunhas de vista, claramente nos mostrou depois a experiencia, que os erros desta campanha se originaraõ de pouca noticia da guerra, e não de malicia alguma: e he quasi sem duvida, que quando succede, que no principio de huma campanha se começaõ a desconcertar as disposiçoens, e a desauthorizar as ordens, que difficilmente se colhe o fructo do remedio, sem algum favoravel accidente; e como o Conde de S. Lourenço não pode conseguillo, antes foi sempre experimentado encadear-se os infortunios, nunca encontrou caminho de melhorar a sua desgraça, sem que fosse culpado nella o seu valor, e o seu zello; e se justificou esta verdade na terceira nomeaçãõ, que se fez na sua pessoa ( como referiremos ) para o governo das Armas da Provincia de Alentejo.











HISTORIA  
DE  
PORTUGAL  
RESTAURADO.  
LIVRO II.

SUMMARIO.



*EN* NTRA Joanne Mendes de Vasconcellos no governo da Provincia de Alentejo: toma noticia do estado della; dispoem a fórma da defensa, e reclutas das tropas. Vem o Duque de S. German reconhecer Campo-Maior cõ hum grosso de Cavallaria. Sustenta hum escaramuça o Conde da Torre com as Companhias de cavallos da guarnição da Praça com bom successo. Sae André de Albuquerque ao rebate de Campo-Maior com trezentos cavallos: encontra-se de improviso com a Cavallaria Castelhana, que havia passado Caya: retira-se André de Albuquerque formado



mado a Elvas, e em huma legoa de distancia foi o damno igual. Sitia Joanne Mendes Mouraõ, ganha a Praça, e retira-se a Elvas. Sae em Campanha na Provincia de Entre-Douro, e Minho, que governava, D. Alvaro de Abranches, o exercito governado por D. Vicente Gonzaga; intenta ganhar Valença sem effeito: levanta o Forte de S. Luiz Gonzaga sobre o Rio Minho em grande damno da Provincia. Governa o exercito accidentalmente o Bisconde de Villa Nova por enfermidade de D. Alvaro, que deixou o governo: succede-lhe o Conde de Castello-Melhor. Varios successos das outras Provincias. Noticias do governo politico da Corte, das Embaixadas, e guerras das Conquistas. Sae em campanha Joanne Mendes de Vasconcellos: sitia Badajoz: intenta ganhar o Forte de S. Christovaõ, não o consegue. Derrota André de Albuquerque a Cavallaria inimiga, governada pelo Duque de Osfuna. Passa o exercito Guadiana. Batalha do Forte de S. Miguel: vence se, e ganha se o Forte. Continua-se o sitio por espaço de quatro mezes. Vem o exercito de Castella governado por D. Luiz de Aro a soccorrer Badajoz. Levanta Joanne Mendes o sitio, e retira-se a Elvas.

Anno  
1657.

**O**S infelices successos, que as Armas de Portugal experimentarão na campanha de Olivença, parece que forão rigorosa doutrina, com que a fortuna magistralmente se dispoz a industriar a infancia da nossa guerra depois da morte del-Rey D. Joaõ; tempo, em que mais dignamente pode lograr o titulo de Escola Militar, tanto pela qualidade das acçoens, quanto pela excellencia das vitorias, para que ao passo que a guerra se aumentasse, crescessem os animos dos Portuguezes na vigilan-



gilancia, e sciencia bellica, e se fizessem robustos com a aspereza dos infortunios, por ser o mais verdadeiro documento, que se colhe na grandeza dos imperios, introduzir-lhes a negligencia com a felicidade. Chegando o Conde de S. Lourenço a Lisboa, como fica referido, partio Joanne Mendes de Vasconcellos para Alentejo com o titulo de Tenente Real, que sendo na verdade muito maior, que o de Governador das Armas, soube a sua industria introduzir no animo da Rainha, que eraõ menores as prerogativas. Fez alto alguns dias em Estremoz, onde lhe assistiraõ muitos Officiaes, que por antigas dependencias seguião a sua doutrina. Manoel de Mello, logo que Joanne Mendes chegou a Estremoz, partio de Elvas para Lisboa, deixando em todo o exercito hum verdadeiro conhecimento da pouca razão, com que se lhe tirara o Posto, que occupava, por haver procedido ( como já dissemos ) em todas as acções da campanha de Olivença com muito valor, e grande prudencia. Nos dias, que Joanne Mendes assistio em Estremoz, fizeraõ os Castelhanos huma entrada nos campos de Monçaraz, Villa-Viçosa, e Elvas, dividida a Cavallaria em dous troços, e levarão huma grande preza, que a queixa dos lavradores, patrocinados pelos que eraõ pouco afeiçãoados a Joanne Mendes, encareceo de sorte, que chegou esta noticia á Rainha; e sentindo ella o prejuizo dos Povos de Alentejo, remetteo a Joanne Mendes huma relação, que se lhe havia apresentado, da importancia da preza, e lhe ordenou que a todo o risco segurasse a campanha, mudando, se fosse necessario, os alojamentos da Cavallaria, mandando-lhe juntamente, que de todas as disposições, e emprezas, que intentasse, fizesse aviso ao Conde do Prado, e que desta communicacão esperava a melhor direcção em todos os negocios daquella Provincia. Foi a Joanne Mendes pouco agradavel este preceito, porque não professava com o Conde do Prado muita familiaridade; porém usando da engenhosa industria, de que era dotado, conhecendo que pelo caminho da queixa não podia conseguir retroceder-se aquella ordem, encareceo á Rainha o mui-

Anno  
1657.

Entra Joanne  
Mendes de  
Vasconcellos  
no governo  
da Provincia  
de Alentejo;



Anno  
1657.

to que lhe agradecia mandar-lhe por obrigação, o que elle determinava fazer pela amizade que tinha com o Conde do Prado; e que no que tocava á preza, fora tanto menor do que se havia referido, como constaria de huma certidão autentica, que remetteo.

Toma noticia desta Provincia, dispoem a fórma da defenfa, e reclutas das Tropas.

Com a noticia da entrada dos Castelhanos passou Joanne Mendes de Estremoz a Elvas, e ordenou ao Mestre de Campo General D. Sancho Manoel, que já havia chegado da Beira a exercitar aquelle Posto, que passasse a se aquartelar na Praça de Moura, ficando á sua ordem todo o districto, que corria até Estremoz, em que estavam aquartelados cinco Terços de Infantaria, e vinte e quatro Companhias de Cavallos, fóra os Auxiliares, que se não tinhaõ licenciado. O dia que Joanne Mendes entrou em Elvas persuadido dos Officiaes, que eraõ pouco affeiçãoõdos ao Conde de Soure, e a seus amigos, sahindo a Cavallaria de Elvas a esperallo (como era costume) á fonte dos Capateiros, marchando de vanguarda D. Luiz de Menezes, como Capitão da Guarda do Governador das Armas, lhe mandou Joanne Mendes ordem pelo Commissario Geral Joãõ da Silva de Sousa, para que se abstinhesse daquelle exercito. Sentio D. Luiz, como era justo, esta publica demonstração, mas não quiz mudar se do lugar, em que vinha até entrar em Elvas. Ao dia seguinte, vendo Joanne Mendes, que D. Luiz se abstinha da sua assistencia, conheceo a sua razão; e deu conta á Rainha com grandes elogios de D. Luiz, offerecendo lhe o Posto de Capitão de Couraças das guardas com outra Companhia de Arcabuzeiros, qual elle elegeffe para estar á sua ordem, segurando-lhe que só a este fim o havia suspendido do Posto de Capitão da Guarda; porque sem patente del-Rey não podia governar aos mais Capitaens do exercito, com quem concorresse. Pedio-lhe D. Luiz tempo para se deliberar; deu conta ao Conde de Soure, e a seus parentes, foraõ todos de parecer, que acceitasse a offerta de Joanne Mendes, entendendo o Conde de Soure, que não era tempo de sustentar a opiniaõ, que havia tido, e mandado observar, de que as prerogativas do  
Posto



Anno  
1657.

Posto de Capitão das guardas dependiaõ do Governador das Armas, que as podia dispenfar por authoridade sua, sem ser necessario tirar patente del-Rey, havendo sido esta a occasiaõ de todas as duvidas antecedentes, que referimos houve sobre esta materia. Aceitou D. Luiz o Posto, escolheo a André Gatino, valeroso Francez, por Capitão de Arcabuzeiros, que ficou á sua ordem, tomando só de Joanne Mendes as que devia observar, e todas as noites o Santo, depois de o tomar o Mestre de Campo General.

Informado Joanne Mendes do estado, em que se achava a Provincia de Alentejo, e tendo noticia do pouco cuidado, que dava aos Castelhanos a guerra do Outono, continuou o intento muito dantes premeditado por André de Albuquerque, de recuperar a Praça de Mouraõ pela facilidade da empreza, e por ficarem mais cubertos os campos de Monçaraz, Beja, e Evora, que eraõ os mais ferteis de todo o Reino. Para conseguir o fim desta determinação, estiveraõ detidos os Terços Auxiliares, se fizeraõ novas levas, e se convocaraõ carruagens muito a pezar das cõmodidades dos povos. No tempo, que duravaõ estas preparaçoens, houve de huma, e outra parte algumas entradas de pouca importancia; foi a mais digna de memoria, a que fez o Duque de S. German com mil e oito centos cavallos; sahio de Badajoz, embuscou-se na Godinha junto a Campo-Mayor. Correrãõ alguns batalhoens avançados a Companhia de Francisco da Silva de Moura, que estava de guarda, e procedeo com muito valor. Sahio de Campo-Mayor ao rebate o Conde da Torre com a Cavallaria, e Infantaria daquella guarnição: travou-se huma escaramuça, e sustentou-se largo espaço, assistindo o Conde da Torre, aonde considerava maior perigo. Perderaõ os Castelhanos alguns Officiaes, e Soldados, entre elles ao Capitão de Cavallos D. Diogo Beltran, que ficou morto, e não houve damno em as nossas tropas. Ao estrondo da artilharia de Campo-Mayor sahio de Elvas André de Albuquerque com cinco batalhoens, que levavaõ pouco mais de trezentos cavallos; sahindo da porta de S. Vicente teve aviso, que entre

Vem o Duque de S. German reconhecer campo Maior có hü grosso de Cavallaria.

Sustenta huma escaramuça o Conde da Torre com as companhias de Cavallos da guarnição da Praça com bom successo.

Sahe André de Albuquerque ao rebate de Campo Maior com trezentos cavallos.

Santa



Anno  
1657.

Encontrao-  
se de impro-  
viso com a  
Cavallaria  
Castelhana  
que havia  
passado Gaia.

Retira-se An-  
dré de Albu-  
querque for-  
mado a El-  
vas, e em  
hum legoa  
de distancia  
foi o damno  
igual.

Santa Eulalia : e Caia appareciaõ alguns batalhoens; marchou para aquella parte, e por ser a terra muito cuberta, lhe advertio o Comissario Geral da Cavallaria Vanichele, que adiantasse alguns cavallos a descobrir a campanha, para que a noticia do perigo chegasse primeiro, que a experiencia delle. Desprezou André de Albuquerque esta advertencia; e depois de empenhado na marcha, mandou adiantar ao Capitaõ de Couraças Fernão de Sousa Coutinho com cem cavallos escolhidos de todas as Companhias; marchou com toda a diligencia a descobrir os matos, que ficavaõ pouco distantes, e André de Albuquerque fez alto na Torre do Siqueira. Com a mesma pressa, com que Fernão de Sousa entrou nos matos, sahio delles carregado de treze batalhoens; porque o Duque de S. German, que vinha acompanhado de todos os Cabos, e Officiaes mayores, quiz experimentar se conseguia em Elvas, derrotando os batalhoens da Cavallaria daquella guarnição, o que não pudêra lograr em Campo-Maior. Brevemente chegáraõ aos nossos cinco batalhoens Fernão de Sousa, e os Castelhanos, que o seguiã, resolutos a entreternos até chegar o maior poder, para nos derrotar. André de Albuquerque vendo o perigo mais visinho do que imaginara, voltou para João Vanichele, e lhe disse: E agora que havemos de fazer? Respondeolhe: ( não por falta de valor acreditado nestas, e em outras muitas occasioens, senão estimulado de se não haver seguido o seu parecer de avançar os cem cavallos a tempo mais conveniente ) Agora fugir, que he o que costumaõ fazer na guerra os pouco acautelados. André de Albuquerque, que não costumava a conhecer alterado o animo valeroso, por mais arriscados que fossem os accidentes, mandou que os cinco batalhoens se retirassem por contramarcha. Sustentáraõ elles esta ordem até a entrada dos Olivaes, e vieraõ ultimamente a ficar com toda a carga as Companhias de D. João da Silva, e D. Luiz de Menezes. Já neste tempo vinha crescendo de sorte o poder dos Castelhanos, que parecia impossivel deixarem de se perder todos os batalhoens; porque da entrada dos Olivaes a Elvas era mais de



de huma legoa, porém as duas Companhias, que eraõ das melhores do exercito, seguindo os Soldados promptamente as ordens dos dous Capitaens, occuparão todo o sitio da estrada, ficando os flancos cobertos do espello das oliveiras, e hora tomando huma a carga; hora a outra, fazendo tornar atraz, cerrando-se, aos Castelhanos ( que avançarão desunidos ) que lhe impediraõ totalmente melhorar terreno, e derão lugar a que as outras Companhias chegassem sem damno as muralhas de Elvas, a tempo que Joanne Mendes sahio daquella Praça com os Terços, e o calor da Infantaria se compuzeraõ os batalhoens, e marchou este corpo fóra dos olivães. Retiraraõ-se os Castelhanos, e tiraraõ de huma trincheira, que rodeava a Atalaia de Mexia, dez cavallos, que intempestivamente se recolherão a ella. Ficaraõ prisioneiros o Capitaõ Fernãõ de Sousa Coutinho, Joseph Passanha de Castro, D. Martinho da Ribeira. As Companhias de D. Luiz de Menezes, e D. Joãõ da Silva, tomaraõ dez cavallos nas voltas, que fizeraõ sobre os Castelhanos, e foi quasi igual o numero dos feridos de huma, e outra parte. De ambas se restituiraõ os prisioneiros, conforme o ajuntamento, que se continuava sem alteração. Poucos dias depois deste successo armou André de Albuquerque com vinte batalhoens ás Companhias de cavallos, que se aquartelavãõ em Badajoz, e Olivença. Sahiraõ ellas de ambas as Praças, mas naõ quizeraõ adiantar-se de sorte, que pudessem ser carregadas, por mais que as provocaraõ varias partidas, que se espalharãõ pela campanha; só se conseguio tomar-se hum grande comboy, que passava de Olivença para Albufeira, derrotando-se huma Companhia de cavallos, que o acompanhava.

Entrou o mez de Outubro, e adiantaraõ-se as prevençoens do exercito, assim por constar, que os Castelhanos haviãõ mandado algumas tropas para Catalunha, e despedido os Soldados Milicianos; como por se temer; que as aguas do Inverno fizessem mais trabalhoso o sitio de Mouraõ. Sahio o exercito de Elvas a vinte e dous de Outubro com os Cabos referidos: constava de nove mil

Anno  
1657.



Anno  
1657.

Sitia Joanne  
Mendes  
Mouraõ.

Encontra  
se de imp  
vito com a  
Cavallaria  
Castelhana  
que havia  
passado Ca

Nation-se An  
dris de Albu  
querque fo  
mudo e E  
de dill  
lud a d  
igual

Infantes, e dous mil e duzentos cavallos, dez peças de artilharia, em que entravão quatro meios canhoens, hum morteiro, e todos os mais instrumentos de expugnação: a condução dos mantimentos segurava a vishnança de Monçaraz: as Praças ficarão bem guarnecidas. Adiantou se o Mestre de Campo General D. Sancho Manoel a ganhar os postos sobre Mouraõ, e de não ter controversia este intento, fez aviso a Joanne Mendes ao alojamento de Terena. Deste quartel passou o exercito a Mouraõ com o trabalho de huma grande tempestade de agua, e vento. Como a circumvallação da Praça era pequena, facilmente se formaraõ duas baterias, e se abriaraõ dous aproxes, hum pelo arrabalde, que caminhava á porta do Castello, outro pelo sitio, que chamavão do Lagar, que ficava pouco distante da barbacãa. Ao dia seguinte começon a jogar a artilharia, e o morteiro, e a caminharem os aproxes com generosa emulação dos Officiaes, e Soldados. Era Governador da Praça o Mestre de Campo D. Francisco de Avila Orejon: constava a guarnição de quatrocentos Infantes, e quarenta cavallos, com muniçoens, e mantimentos para tempo dilatado. Durou quatro dias aos sitiados a constancia; o antecedente ao que se renderaõ, tocava a cabeça da trincheira do aproxe do Lagar ao Terço da Armada, que governava o Sargento Mayor João de Amorim de Betancor, por se achar ferido com huma balla no rosto o Mestre de Campo Diogo Gomes de Figueiredo, recebida no primeiro dia, que o exercito ganhou postos sobre aquella Praça. Era o Sargento Mayor Soldado de valor conhecido, porém mais resolutivo, que prudente: ao meio dia vendo a muralha com pouca guarnição, mandou pegar aos Soldados nas armas, e que investissem a barbacãa: ganharaõ-na, e fortificaraõ-se nella. Chamou Joanne Mendes ao Sargento Mayor, e reprehendeo-o, por haver avançado sem ordem; porque na guerra não deve ser a felicidade dos successos desculpa da desobediencia; e chegando Joanne Mendes na reprehensão ao ponto de que avançara, não só sem ordem, mas sem escadas, lhe respondeo João de Amorim com rustica, e graciosa arrogancia.



arrogancia; Sobre azeitonas quem quer bebe: proverbio que achou adequado para a satisfação daquella culpa, mereceo a desculpa perdaõ, e os sitiados capitularam a vinte e oito de Outubro a entregar a Praça a trinta, como fizeraõ. Estava de guarda com o seu Terço na Cabeça da trincheira o Mestre de Campo Pedro de Mello, e o Mestre de Campo Simaõ Correia da Silva, e de retêm Diogo de Mendocça. Era hum dos Terços, a que tocava entrar de guarda ao apoxe, o do Conde de S. Joaõ, e como ardia no seu valeroso animo muito mais o desejo da gloria, do que o da vida, quando sahiraõ os refens da Praça, para se começar a tratar da capitulaçaõ, os persuadio o Conde com vivas razoes, que convinha ao credito dos sitiados dilatarem-se na defenfa da Praça até o dia seguinte; porque lhe leria mais airoso cederem-na ao ataque do seu Terço por força, que entregarem-na por vontade. Esta persuazaõ lhes acrescentou o temor, e se renderaõ a trinta de Outubro, salvas as vidas; estando de guarda o Terço de Simaõ Correia, que levava já ordem para dar o assalto. Logo se lhes deu commodidade para passarem a Olivença, e Joanne Mende, que desejava retirar o exercito com brevidade, ordenou ao Mestre de Campo Agottinho de Andrade Freire ficasse governando Mouraõ, por ser avaliado por sciente nas fortificaçoens, e Soldado de experiencia: escusou-se desta occupaçaõ com delidouro do seu procedimento. Aceitou o governo o Mestre de Campo Francisco Pacheco Mascarenhas, em quem nunca havia entrado receio de algum perigo; ficaraõ-lhe seiscentos Infantes, dinheiro, materiaes, e Engenheiros, para se levantarem quatro baluartes, que segurassem melhor a defenfa daquelle lugar. Joanne Mendes passou com o exercito Guadiana brevemente; porque as muitas aguas não davaõ lugar a largas demoras. o Duque de S. German com a primeira noticia de que Mouraõ estava sitiado, passou de Badajoz a Olivença, aonde juntou as tropas dos quarteis mais visinhos, e com aviso de que se rendera, as licenciou, e voltou para Badajoz. Joanne Mendes com a certeza desta resoluçaõ despedio os

Anno  
1657.

Ganha-se a  
Praça,

Retira-se  
Joanne Mẽ-  
des a Elva,



Anno  
1657.

soccorros, e dividio o exercito pelas antigas guarniçoens. A Rainha estimou muito a recuperação de Mourão; porque com este successo entendia se começava a restaurar a reputação perdida na Campanha antecedente; e em quanto durava o rigor do Inverno, mandou ordem a Joanne Mendes, para que passasse a Lisboa a conferir, e dispor os progressos futuros. Obedeceu promptamente: ficou governando as Armas de Alentejo o Mestre de Campo General, André de Albuquerque, e D. Sancho Manoel voltou para o seu partido.

Sae em campanha na Provincia de Entre-Douro, e Minho, que governa D. Alvaro de Abranches, o exercito governado por D. Vicente Gonzaga.

Ao mesmo tempo, que o Duque de S. German deu principio ao sitio de Olivença, sahio na Provincia de Entre Douro, e Minho em campanha D. Vicente Gonzaga, que governava as Armas do Reyno de Galliza; determinando a Providencia Divina, que o Reyno de Portugal se sublimasse entre os trabalhos, e perigos; como a palma, que com o pezo se levanta. Trazia D. Vicente seis mil Infantes pagos, seis mil Milicianos, e novecentos cavallos com todas as prevençoens necessarias para conseguir huma grande facção. Governava as Armas de Entre Douro e Minho D. Alvaro de Abranches da Camara; e juntamente a Relação da Cidade do Porto, aonde assistia em grande prejuizo do governo das Armas, e pela distancia das Praças fronteiras, e pela pouca prevençãõ, com que por este, e outros respeitos podiaõ ser facilmente conquistadas. As preparaçoens do exercito de Galliza haviãõ sido muito anticipadas, e as noticias deste grande movimento chegaraõ a D. Alvaro por tantas partes, que só o pouco desejo, que tinha de que fossem certas, pudera fazellas duvidosas; e se esta incredulidade fora remedio do perigo, que ameaçava aquella Provincia, licito pudera ser valer-se della; porém como a suspensão de se procurarem os caminhos da defensa, aggravavãõ muito mais os males, que já se contavaõ como padecidos, veio a ser este o primeiro, que se experimentou. Constava a Infantaria paga, que guarnecia oito Praças daquela Provincia, de seiscentos Infantes, de que se compunha hum só Terço, que havia nella, e de oitenta cavallos divididos em duas Companhias: nas

Pra



Praças se achavaõ poucos mantimentos, e menos muniçoens: nas pequenas estradas, que cortavão a aspe-za das serras da Raya seca, que puderão defendidas de poucos mosqueteiros servir de grande segurança, não havia a menor opposição, e finalmente tudo faltava para a defesa de Entre-Douro, e Minho, e só o receio das Armas de Castella era superabundante. O primeiro de Mayo sahio em Campanha D. Vicente Gonzaga sem artilharia, e com poucas bagagens marchou pela Raya seca; e tendo D. Alvaro de Abranches mandado a Francisco Peres da Silva, Mestre de Campo do Terço pago, que com os seiscentos Infantes, de que constava, marchasse a embaraçar nos passos estreitos das serras o exercito inimigo, elle procedeo com tanta omis-ção nesta tão importante diligencia, que os Gallegos passarão as serras sem a menor difficuldade. Avistarão Castro Laboreiro, Melgaço, Monção, e Lapela, e fi-zerão alto sobre Valença, que ainda que pouco fortifi-cada, estava melhor guarnecida, que as outras Praças, por se haverem recolhido a ella quatro Capitaens pagos com as suas Companhias, e constavão de duzentos Sol-dados, e tres Companhias de Auxiliares com trezentos homens. Governava a Praça Antonio de Abreu, Capi-tão do Terço de Francisco Peres, valeroso, e pouco pratico na arte Militar. D. Alvaro de Abranches tinha mandado levantar hum Fortim, que se cõmunicava com a muralha da Praça, mas tão imperfeito, que deu con-fiança a D. Vicente Gonzaga, para o mandar investir de noite pela melhor gente do exercito. Foi o assalto muito vigoroso; porém a defesa do Fortim foi mais valerosa; porque o Alferes Domingos Luiz, que o go-vernava, soccorrido do Alferes Francisco Nunes, re-sistirão ao assalto com tanta constancia, assistidos de duzentos Soldados, que obrigarão aos Gallegos a se re-tirarem com grande perda. Bastou esta resistencia para defengano de D. Vicente Gonzaga, e retirou o exerci-to com a mesma brevidade, com que o conduzira áquel-la Praça; e entendeu-se que a resolução de atacala fora na fé de a achar pouco prevenida, como lhe haviaõ segurado

Intenta ga-  
nhar Valença  
sem effeito,



Anno

1657.

rado algumas intelligencias ; porque conseguindo-a craõ grandes as consequencias , que lhe resultavão , por ser Valença a Praça mais importante daquella Provincia. Ao mesmo tempo que D. Vicente investia Valença , entrão quarenta barcas guarnecidas de Infantaria na Havra de Caminha ; oppuzeraõ-se-lhe duas caravellas , que receberão guarniçaõ daquella Praça , e bastou a resistencia , e a artilharia de Caminha para as fazer retirar. Recebeo D. Alvaro de Abranches este aviso no caminho de Viana , onde chegou a juntar a gente , que acodio de todas as partes da Provincia com grande diligencia ; porém com a mesma pressa se ausentava , por não achar prevenção de mantimentos , com que poder sustentar-se. Neste tempo tinha D. Vicente Gonzaga accrescentado o exercito com grandes soccorros , e voltado a restaurar a reputação perdida em Valença. Aos dezoito de Junho passou o Rio Minho por baixo de Valença por huma ponte de barcas , que trazia prevenida. Havia chegado a esta Praça o Tenente General Nuno da Cunha de Ataide com alguns cavallos da Provincia da Beira , e na de Entre Douro , e Minho se não achava mais Official Mayor , que o Mestre de Campo Francisco Peres da Silva , e os Capitaens de cavallos Diogo de Brito Coutinho , e Diogo Pereira de Araujo , e o Tenente de Mestre de Campo General Antonio Soares da Costa , que havia chegado da Beira : os Soldados Infantes pagos não passavão de mil , nem os cavallos de cento , a gente da Provincia tinha poucas armas , e menos destreza. D. Vicente Gonzaga , havendo disposto todas as preparaçoens necessarias , começou a passar o Rio Minho no lugar de Caracoës , pouco distante de Valença. Este aviso , que pudera servir de estímulo á resoluçaõ de se opporem os nossos Soldados aos Gallegos na passagem do Rio , accrescentou a confusaõ de forte , que primeiro se alojaraõ desta parte , que os pareceres concordassem. Logo que passou o exercito , fortificou D. Vicente o Alojamento : constava de sete mil Infantes pagos divididos em sete Terços , e de seis mil Milicianos em cinco , e de mil e quinhentos cavallos repartidos em dezaseis Companhias : General da

Cavalla-



Anno  
1657.

Cavallaria D. Luiz de Menezes, filho mais velho do Conde de Tarouca; General da Artilharia D. Diogo de Velasco. A dilação, que os Gallegos fizeram na passagem do Rio, deu lugar a chegarem a D. Alvaro de Abranches dous terços de Infantaria da Provincia de Tras os Montes; hum pago, de que era Mestre de Campo Antonio Jaques de Paiva, que em ausencia de Joanne Mendes, que naquelle tempo havia passado ao governo das Armas da Provincia de Alentejo, ficou governando Tras os Montes; e o Terço vinha governado pelo Sargento Mayor, que era Soldado valeroso; outro de Soldados, a que chamavão volantes, que vinha a ser quasi o mesmo, que Auxiliares, de que era Mestre de Campo Gregorio de Castro de Moraes: o Terço pago trazia setecentos Infantes, o volante quinhentos e sessenta, e quatrocentos cavallos pagos, e da Ordenança divididos em sete Companhias, governadas pelo Tenente General da Cavallaria Domingos da Ponte Gallego. A estas Companhias, e ás duas daquella Provincia se unio a maior parte da gente nobre, que nella se achava, e á Infantaria grande numero de Ordenança, mas pouco persistentes por falta de Armas, mantimentos, e disciplina. Juntos os exercitos, e avistando-se aos dezaseis de Julho, faltou D. Alvaro de Abranches, impossibilitado de achaques em Viana. Originou este accidente levantar-se duvida entre o Mestre de Campo Francisco Peres da Silva, e o Tenente General da Cavallaria Nuno da Cunha, sobre a qual dos dous tocava o governo do exercito: porque ainda que Francisco Peres era mais antigo Mestre de Campo, que Nuno da Cunha Tenente General, como naquelle tempo não tinha El-Rey declarado a preferencia das patentes entre estes dous Postos, qualquer dos dous queria arrogar a si a preeminencia de governar o exercito, que pela qualidade não merecia tanta contenda. Porém Nuno da Cunha entrava com razão mais forçosa, porque lhe havia dado huma carta, para preceder a todos os Postos iguais em accidente semelhante. Quando a questão estava mais vigorosa, chegou ao exercito o Visconde de Villa-Nova D. Diogo de Lima, determinando servir de Soldado na



Anno  
1657.

Governa o  
exercito ac-  
cidentalmen-  
te o Viscon-  
de de Villa-  
Nova, por  
infirmidade  
de D. Alva-  
ro que dei-  
xou o gover-  
no.

mesma Provincia, de que havia sido General. Acharão os Officiaes mais zelosos, e deinteressados, que o caminho de se desviar a duvida de Nuno da Cunha, e Francisco Peres, era aceitar o Visconde o governo do exercito, até El-Rey determinar o que fosse mais util a seu serviço. Com louvavel resolução aceitou o Visconde a offerta, e os dous contendores a obediencia a tão qualificados merecimentos, como eraõ os do Visconde, precedendo para elle aceitar, não só approvação, mas instancias de D. Alvaro de Abranches; e a Rainha louvou muito a Nuno da Cunha ceder o privilegio, que adquirira em virtude da ordem, que tinha levado; e ao Visconde a generosa resolução, que tomara, desvanecidos por este accommodamento os inconvenientes, que poderiam resultar, se não se effectuara. Avisaraõ as partidas, que andavão á vista do exercito inimigo, que aballava do sitio, em que estava em tão prolongada marcha, pela pouca largura de estrada, que merecia particular reflexão. Por diversos caminhos se discursou esta noticia: diziaõ huns, que sem dilacão alguma se investisse o exercito de Castella; porque trazia tão pouca frente na estreiteza do terreno, por onde marchava, que logo que fosse investido, seria infallivelmente desbaratado; e que não só este motivo pedia esta deliberação, senão tambem mencainharem-se os inimigos a Villa-Nova, praça de grande importância, e com tão pouca defença, que consistia a sua segurança só naquelle troço do exercito, que devia empregar-se logo; porque mostravaõ os Soldados grande desejo de pelejar, assim pela ignorancia dos perigos de huma batalha, como pela confiança, que ministrava a confusão da marcha dos Gallegos; e que juntamente se não devia mal lograr aquelle impulso em gente, de que se não podia esperar persistencia alguma pelas razões apontadas. Outros, seguindo a opiniaõ contraria, consideravaõ, que naquella mal disciplinada gente consistia a conservação de toda a Provincia, que empenhava-la em hum só conflicto com tão pouca noticia da arte Militar, seria indesculpavel temeridade; porque nem em todos os casos se devia esperar, que a fortuna se

lison